

# ASSASSIN'S CREED™

RENASCENÇA

OLIVER BOWDEN

*Tradução de João Nuno Cruz*





*Embora pensasse que estava a aprender a viver,  
tenho estado a aprender a morrer.*

— LEONARDO DA VINCI



# Itália Renascentista





As tochas brilhavam e cintilavam no cimo das torres do Palazzo Vecchio e do Bargello e apenas algumas lanternas tremeluziam na praça da catedral, um pouco mais a norte. Algumas delas iluminavam também o cais ao longo do rio Arno onde, apesar da hora tardia para uma cidade onde quase toda a gente se recolhia com a chegada da noite, podiam ser divisados alguns marinheiros e estivadores por entre as trevas. Alguns dos marinheiros, ainda ao serviço nos barcos e navios, apressavam-se, na escuridão, a fazer as últimas reparações nos aprestos e a enroscar impecavelmente o cordame, a esfregar os conveses, enquanto os estivadores se despachavam a empurrar ou carregar mercadoria para a segurança dos armazéns das cercanias.

As luzes cintilavam também no interior das tabernas e dos bordéis, mas andava pouca gente nas ruas. Já tinham decorrido sete anos desde que Lorenzo de Medici, então com vinte anos, tinha sido eleito para liderar a cidade, aportando com ele, pelo menos, uma sensação de ordem e calma à intensa rivalidade entre as proeminentes famílias de banqueiros internacionais e de comerciantes que haviam tornado Florença numa das cidades mais ricas do mundo. Apesar disso, a cidade não parara de fervilhar e ocasionalmente de entrar em ebulição, uma vez que cada uma das partes disputava o controlo, com alguns a mudarem de aliados e outros a permanecerem inimigos permanentes e implacáveis.

Florença, no ano de Nosso Senhor de 1476, mesmo num final de tarde de primavera perfumado pelos jasmims, em que o pivete vindo do Arno poderia quase ser esquecido se o vento soprasse na direcção certa, não era o local mais seguro para se estar no exterior após o pôr do sol.

A lua erguera-se no céu, agora de azul-cobalto, dominando-o perante um séquito de estrelas. A sua luz incidia sobre a praça onde a “Ponte Vecchio”, agora com as lojas habitualmente apinhadas completamente escuras

e silenciosas, ligava a margem norte do rio. Essa luz também descobria uma figura envolta em sombras, no telhado da igreja de Santo Stefano al Ponte.

Um jovem de dezassete anos apenas, mas altivo e de grande estatura. Observando com muita atenção a vizinhança abaixo de si, pôs a mão nos lábios e assobiou, produzindo um som baixo, mas penetrante. Em resposta, enquanto olhava, emergiram das ruas escuras e das arcadas para praça, primeiro um, depois três, depois uma dúzia e por fim vinte homens, jovens como ele, na maioria envoltos em sombras, alguns com capuzes ou chapéus de vermelho vivo, verde ou azul, todos com espadas e punhais à cinta. Os movimentos do bando de jovens de aparência perigosa exibiam uma segurança atrevida.

O jovem olhou para baixo, na direcção daquelas caras ansiosas, pálidas ao luar, que se fixavam nele. Ergueu o punho acima da cabeça num cumprimento desafiante.

— Estamos juntos! — Gritou enquanto todos eles levantavam também os punhos, alguns desembainhando as armas, brandindo-as e gritando em uníssono: — Juntos!

O jovem desceu como um gato pela fachada inacabada, desde o telhado até ao pórtico da igreja e daí pulou, com a capa a esvoaçar, para aterrar entre eles de cócoras, a salvo. Eles rodearam-no expectantes.

— Silêncio, amigos! — Levantou a mão para impedir um último grito solitário. Sorriu com um ar sinistro. — Sabem porque é que eu vos convoquei a vós, os meus aliados mais chegados, para aqui, esta noite? Para pedir a vossa ajuda. Tenho estado silencioso há demasiado tempo, enquanto o nosso inimigo, vocês sabem de quem estou a falar, Vieri de Pazzi, tem difamado a minha família por toda a cidade, arrastando o nosso nome para a lama, tentando à sua patética maneira, diminuir-nos. Normalmente, eu não deveria rebaixar-me a pontapear um cão tihoso desses, mas...

Foi interrompido por uma grande pedra pontiaguda que lhe foi atirada a partir da ponte e que lhe aterrou junto aos pés.

— Já chega de parvoíces, *grullo*<sup>1</sup>, — disse uma voz.

O jovem virou-se em sintonia com o resto do grupo na direcção da voz. Soube logo a quem pertencia. Um outro bando de jovens aproximava-se, atravessando a ponte vindo do lado sul. O chefe exibia-se à cabeça, com uma capa vermelha presa por um broche ostentando golfinhos dourados e cruzeiros sobre um fundo azul, envolvendo-lhe o fato de veludo azul e com a mão sobre o botão do punho da espada. Era um homem razoavelmente bem-parecido, com a aparência desfigurada por uma boca cruel e um queixo fraco e embora fosse um tudo-nada gordo, não havia que duvidar do poder daqueles braços e pernas.

<sup>1</sup> Ver glossário de termos italianos e latinos na página 329.

— *Buona sera*, Vieri, — disse o jovem calmamente. — Estávamos mesmo agora a falar de ti. — E fez uma vénia com exagerada cortesia, enquanto adoptava um ar surpreendido. — Mas deves perdoar-me. Não esperávamos que aparecesses pessoalmente. Pensei que o Pazzi recorria sempre a outros para fazerem o trabalho sujo por ele.

Vieri, já mais perto, aproximou-se mais um pouco, após tanto ele como a sua trupe terem parado a uns poucos metros de distância. — Ezio Auditore! Seu garoto mimado! Eu diria que é mais a tua família de mangas-de-alpaca e de contabilistas que costuma correr para os guardas ao menor sinal de sarilhos. *Codardo!* — Agarrou o punho da espada. — Diria que estás com medo de empunhar os assuntos por ti mesmo.

— Bem, que posso eu dizer, Vieri, *ciccione*. Da última vez que a vi, a tua irmã Viola pareceu-me bastante satisfeita com a maneira como eu a empunhei toda. Ezio Auditore esboçou um largo sorriso irónico para o inimigo, satisfeito por ouvir os risinhos e incentivos dos companheiros atrás de si.

Mas sabia que tinha ido longe demais. Vieri já tinha corado de raiva. — Já chega, Ezio, seu pequeno estafermo! Vamos lá ver se lutas tão bem como palras! — Virou a cabeça na direcção dos seus homens, erguendo a espada. — Matem-me estes sacanas! — Rugiu.

Uma pedra rodopiou no ar nesse mesmo instante, mas desta vez não fora atirada como desafio. Desferiu-lhe um golpe repentino na testa, rasgando-lhe a pele, derramando sangue. Ezio cambaleou para trás por um momento e em simultâneo uma saraivada de pedras voou das mãos dos seguidores de Vieri.

Os homens mal tiveram tempo de se reagrupar antes que o bando de Pazzi caísse sobre eles, irrompendo sobre a ponte na direcção de Ezio e dos companheiros. Num instante, a luta tornou-se tão próxima e tão rápida que mal houve tempo, num primeiro momento, para empunhar espadas ou até mesmo punhais, e por isso os dois bandos atacaram-se com os próprios punhos.

A batalha foi dura e feia: pontapés e murros brutais ligados ao som doentio de ossos a quebrarem-se. Por uns momentos, a decisão podia ter caído para qualquer dos lados, mas depois Ezio, com a vista ligeiramente afectada pelo sangue que lhe escorria da testa, viu dois dos seus melhores homens a tropeçarem e a irem-se abaixo de seguida, para acabarem pisoteados pelos facínoras de Pazzi. Vieri riu-se e, em cima de Ezio, ensaiou mais um golpe na direcção da cabeça dele, com uma pedra pesada que segurava na mão. Ezio deixou-se cair sobre os quadris e o golpe passou-lhe ao lado, mas fora demasiado perto para o seu gosto e agora a facção de Auditore estava a passar o pior bocado. Ezio logrou libertar o punhal antes

de se levantar e esboçou um movimento amplo com ele, que resultou num corte na coxa de um facínora bem constituído de Pazzi que já fazia descer sobre ele a espada e o punhal desembainhados. O punhal de Ezio cortou através do tecido, músculos e tendões. O homem soltou um uivo agonizante e passou-lhe por cima, deixando cair as armas, agarrando-se ao ferimento com ambas as mãos, enquanto o sangue começava a jorrar. Pondo-se desesperadamente em pé num ápice, Ezio olhou em redor. Pôde ver que Pazzi tinha conseguido cercar-lhe os homens, encurralando-os contra uma das paredes da Igreja. Sentindo alguma força a regressar-lhe às pernas, abriu caminho para junto dos companheiros. Mergulhando sob a lâmina recurvada de mais um rufião de Pazzi, conseguiu assentar o punho contra os queixos hirsutos do homem, ganhando a satisfação de ver dentes a voarem e o candidato a agressor a cair sobre os joelhos, atordoado com o golpe. Gritou para os homens de maneira a encorajá-los, mas na verdade os seus pensamentos iam mais no sentido de pensar em maneiras de bater em retirada com o máximo de dignidade possível. Foi então que ouviu, sobrepondo-se ao ruído da multidão em zaragata, uma voz muito familiar, sonora e jovial, chamando-o vinda de trás do bando de Pazzi.

— Então *fratellino*, com que diabo é que andas metido?

O coração de Ezio sobressaltou de alívio, e este conseguiu suspirar: — Hei, Federico! Que fazes por aqui? Pensei que estavas na desbunda, como habitualmente!

— Não digas disparates! Eu sabia que tinhas planeado algo e pensei que deveria aparecer, para ver se o meu irmãozinho já teria aprendido finalmente a cuidar de si próprio. Mas talvez precisas de uma lição ou duas!

Federico Auditore, com alguns anos a mais do que Ezio, o mais velho dos manos Auditore era um homem encorpado com grande apetite, tanto pela bebida como pelo amor e pelas lutas. Atacou com fúria enquanto ainda falava, fazendo duas cabeças dos de Pazzi chocarem e levantando o pé para o assentar nos queixos de um terceiro, para depois saltar por entre a multidão e colocar-se ao lado do irmão, aparentemente impávido perante a violência que o rodeava. À volta deles, os seus próprios homens, encorajados, redobram o esforço. Os de Pazzi, por outro lado estavam desalentados. Alguns dos carregadores do porto tinham-se juntado a uma distância segura para assistir, e os de Pazzi, no lusco-fusco, tomaram-nos por reforços de Auditore. Esse facto, conjuntamente com os punhos voadores e rugidos de Federico, que foram prontamente imitados por Ezio, assimilando-os rapidamente, causou-lhes o pânico num instante.

A voz furiosa de Vieri de Pazzi sobressaiu acima do tumulto geral. — Retirem-se! — Gritou para os seus homens, com a voz requebrada pelo esforço e pela raiva. Fixou o olhar no de Ezio e rosnou uma ameaça inaudível antes

de desaparecer na escuridão, cruzando novamente a Ponte Vecchio, seguido por aqueles que ainda conseguiam andar de entre os seus homens, enquanto eram perseguidos encarniçadamente pelos aliados de Ezio agora triunfantes.

Ezio estava a ponto de também ele empreender a perseguição, mas a mão carnuda do irmão impediu-o. — Um minuto, — disse.

— O que é que queres dizer com isso? Consequimos pô-los em fuga!

— Aguenta. — Federico franziava o sobrolho, enquanto tocava suavemente na ferida que Ezio tinha na testa.

— É só um arranhão.

— É mais do que isso, — decidiu o irmão, com uma expressão grave no rosto. — Temos mesmo que encontrar-te um médico.

Ezio cuspiu. — Não tenho tempo para desperdiçar em corridas para médicos. Além disso... — Fez uma pausa, pesaroso. — Não tenho dinheiro.

— Ah! Esbanjaste-o em mulheres e vinho, suponho. — Federico esboçou um sorriso irónico e deu uma palmada carinhosa no ombro do irmão.

— Eu não diria que foi propriamente esbanjado. Olha mas é para os exemplos que tu me dás. — Ezio sorriu maliciosamente mas depois tornou-se hesitante. Ficou repentinamente consciente de que a cabeça dele estava a palpitar. — De qualquer maneira, não faria mal que alguém lhe desse uma vista de olhos. Suponho que não estás a ver-te a emprestares-me alguns *fiorini*?

Federico remexeu na bolsa. Não tilintou. — Na realidade, eu próprio estou um bocado curto de guito neste momento, — disse.

Ezio sorriu escarnecendo do acanhamento do irmão. — Então no que é que tu gastaste o teu? Em missas e indulgências, suponho?

Federico riu-se. — Está bem. Marcaste o teu ponto. — Olhou em redor. Apesar de tudo, apenas três ou quatro dos seus tinham sido feridos com gravidade suficiente para permanecerem no campo de batalha, e ali estavam sentados, gemendo um pouco, mas conseguindo também esboçar sorrisos de triunfo. Tinha sido um duro ajuste de contas, mas ninguém tinha ossos partidos. Em contrapartida, uma boa meia dúzia dos rufias de Pazzi jaziam completamente inanimados, e um ou dois de entre eles envergavam roupas caras.

— Vejamos se os nossos inimigos caídos têm algumas riquezas para partilhar. — Sugeriu Federico. — Afinal, a nossa necessidade é maior do que a deles, e aposto que podemos aligeirar-lhe a carga sem os acordar!

— Vamos lá ver isso, — disse Ezio e deitou mãos à obra, obtendo algum sucesso. Antes que uns poucos minutos tivessem decorrido, já tinha logrado colher moedas de ouro suficientes para encher as bolsas de ambos. Ezio levantou o olhar triunfante para o irmão e agitou a nova riqueza acabada de reclamar, para sublinhar o feito.

— Basta! — Gritou Federico. — É melhor deixar-lhes um resto com que possam coxear até casa. Apesar de tudo, não somos ladrões: são apenas despojos de guerra. E continuo a não gostar do aspecto dessa ferida. Tem que ser vista quanto antes.

Ezio assentiu e virou-se para observar o campo da vitória dos Auditore pela última vez. Impaciente, Federico poisou a mão no ombro do irmão mais novo. — Anda, — disse e sem mais delongas arrancou com uma passada tal que Ezio, ainda amassado pela batalha teve dificuldade em acompanhar, embora quando ele se atrasava demasiado ou virava na esquina errada, Federico esperasse ou corresse para o colocar no caminho certo. — Desculpa-me, Ezio. Eu só quero que cheguemos ao *medico* o mais depressa possível.

De facto não era longe, mas a cada minuto que passava, Ezio encontrava-se mais cansado. Por fim chegaram à divisão sombria, pejada de instrumentos misteriosos e alambiques de latão e vidro, arrumados ao longo de mesas escuras de carvalho e suspensos no tecto juntamente com molhos de ervas secas, onde o médico de família levava a cabo a sua prática. Ezio não conseguia fazer melhor do que aguentar-se em pé.

O *dottore* Ceresa, não ficou demasiado satisfeito por ser acordado a meio da noite, mas a atitude dele alterou-se para uma grande preocupação assim que aproximou uma vela suficientemente perto para inspeccionar a ferida de Ezio em detalhe. Huumm, — disse com gravidade. — Desta vez arranjaste-a bonita, jovem. Será que não conseguem pensar em mais nada senão andarem por aí a bater uns nos outros?

— Foi uma questão de honra, meu bom doutor, — adiantou Federico.

— Estou a ver, — disse o doutor laconicamente.

— Não foi nada de especial, — disse Ezio, embora se sentisse a fraquejar.

Federico, escondendo como sempre as suas preocupações atrás do humor, disse, — remende-o o melhor que puder, meu amigo. Essa carinha laroca é o único património que ele possui.

— Ei, *fottiti!* — Reagiu Ezio, mostrando o dedo médio erguido ao irmão.

O médico ignorou-os, lavou as mãos, sondou a ferida com cuidado e despejou um fluido transparente de um dos muitos frascos num pedaço de linho. Passo com ele sobre a ferida e a picada foi tão forte que Ezio quase saltou da cadeira com a cara deformada pela dor. Em seguida, com a satisfação de ter limpado a ferida, o médico pegou numa agulha e passou um fino fio de sutura.

— Agora, — disse. — Vai mesmo doer um bocadinho.

Assim que os pontos foram dados e a ferida ligada, de maneira que

Ezio ficou com o ar de um Turco com turbante, o médico esboçou um sorriso encorajador. — Por agora, são três *fiorini*.

Irei ao seu palazzo dentro de alguns dias para retirar os pontos. Nessa altura deverá pagar-me mais três *fiorini*. Vai ter dores de cabeça terríveis, mas acabarão por passar. Tente apenas descansar, se é que isso está na sua natureza! E não se preocupe. A ferida parece mais feia do que é na realidade e até vem com um bónus: a cicatriz não deverá ser grande coisa e por isso não irá desapontar as donzelas demasiadamente no futuro!

Assim que regressaram à rua, Federico pôs o braço à volta do irmão mais novo. Empunhou uma pequena garrafa e estendeu-a para Ezio. — Não te preocupes, — disse, notando a expressão no rosto de Ezio. — É da melhor grappa do nosso pai. Melhor do que leite de mãe, para um homem no teu estado.

Beberam ambos, sentido o fogo líquido a aquecê-los. — Foi uma noite e peras, — disse Federico.

— Pois foi. Quem me dera que fossem todas assim tão divertidas como... — mas Ezio calou-se assim que viu o irmão começar a esboçar um sorriso trocista de orelha a orelha. — Pois, espera! — Corrigiu-se rindo, — Até são mesmo!

— Mesmo assim, acho que um pouco de comida e de bebida não seriam uma má ideia para recompor-te antes de irmos para casa, — disse Federico. — Eu sei que é tarde, mas existe uma *taverna* aqui na proximidade que não fecha antes da hora do pequeno-almoço e...

— Tu e os *oste* são *amici intimi*?

— Como é que adivinhaste?

Aproximadamente uma hora depois, após uma refeição de *ribollita* e *bistecca* empurrada pela goela abaixo com uma garrafa de Brunello, Ezio sentiu-se como se nunca tivesse chegado a ser ferido. Era um jovem em plena forma, e sentiu que toda a energia perdida tinha regressado. A adrenalina da vitória sobre o bando de Pazzi contribuiu sem dúvida para a rapidez da recuperação.

— Chegou o momento de irmos para casa, maninho, — disse Federico. — O pai está seguramente a tentar imaginar onde é que nós podemos estar, e tu és aquele de quem ele espera ajuda no banco. Felizmente para mim, não tenho cabeça para os números, e essa será, suponho, a razão pela qual ele mal pode esperar para meter-me na política!

— Na política ou no circo, pela maneira como continuas a comportar-te.

— Qual é a diferença?

Ezio sabia que Federico não lhe guardava rancor devido ao facto de o pai lhe dar mais responsabilidade nos negócios a ele do que ao irmão mais

velho. Federico morreria de tédio se fosse confrontado com uma vida na banca. O problema é que Ezio desconfiava que os seus sentimentos seriam idênticos. Mas, por enquanto, o dia em que ele adoptaria o fato de veludo preto e o colar de ouro de um banqueiro florentino ainda estava algo distante e estava determinado em saborear os dias de liberdade e irresponsabilidade ao máximo. Mal sabia ele quão curtos esses dias iriam revelar-se.

— É mesmo melhor apressarmo-nos, — dizia Federico, — se quisermos evitar uma descasca.

— Ele deve estar preocupado.

— Não: ele sabe que tomamos bem conta de nós. — Federico olhava para Ezio com um ar pensativo. — Nós *tínhamos* que despachar-nos. — Fez uma pausa. — Será que não está a apetecer-te uma apostinha? Uma corrida, talvez?

— Até onde?

— Digamos, — Federico percorreu com os olhos a cidade iluminada pelo luar até uma torre não muito distante. — Até ao telhado de Santa Trinità. Isto se não for pedir-te demasiado; e nem sequer é muito longe de casa. Mas ainda falta dizer-te uma coisa.

— Sim?

— Não vamos correr pelas ruas e sim passar pelos telhados.

Ezio inspirou profundamente. — Está bem. Podes pôr-me à prova, — disse.

— Então vá, pequena tartaruga: pisga-te!

Sem dizer mais palavra alguma, Federico saiu disparado e começou a escalar uma parede rebocada situada na proximidade, com a facilidade idêntica à de um lagarto. Parou no topo, parecendo quase vacilar em cima das telhas vermelhas arredondadas, riu-se e saiu disparado novamente. Quando Ezio chegou ao nível dos telhados, o irmão já estava uma vintena de metros à frente. Arrancou na sua perseguição, esquecendo as dores no meio da excitação da corrida, alimentada pela adrenalina. Depois viu Federico executar um poderosíssimo salto sobre um precipício escuro como breu, aterrando suavemente no telhado plano de um palazzo cinzento situado num nível ligeiramente abaixo daquele de onde tinha pulado. Correu um pouco mais para diante e esperou. Ezio sentiu um relampejo de medo quando o abismo da rua oito andares mais abaixo se abriu diante de si, mas sabia que preferia morrer a hesitar diante do irmão. Por isso, invocou toda a sua coragem deu um monumental salto de fé, vendo, enquanto atravessava, os duros paralelepípedos de granito sob o luar, bem abaixo dos pés que se agitavam no ar. Durante uma fracção de segundo, à medida que a dura parede cinzenta do palácio crescia ao seu encontro, questionou-se se teria calculado bem, mas depois, de alguma maneira, esta afundou-se debaixo

de si e ele viu-se no novo telhado, ligeiramente desequilibrado é certo, mas ainda de pé, esfuziante, embora ofegante.

— O maninho bebé ainda tem muito que aprender, — espicaçou Federico, arrancando novamente como uma seta escura, por entre o aglomerado de chaminés sob as nuvens dispersas. Ezio impulsionou-se para diante, perdido na loucura do momento. Mais abismos escancarados surgiam debaixo de si, alguns delimitando pequenas ruelas, outros amplas ruas. Não se via Federico em lugar algum. De repente, a torre da Santa Trinità ergeu-se diante dele, crescendo a partir do manto vermelho que constituía o telhado suavemente inclinado da igreja. Mas, à medida que se aproximava, lembrou-se que a igreja se situava no centro da praça e que a distância entre o respectivo telhado e os das redondezas era bem maior do que a que alguma vez tivesse saltado. Não se atreveu a hesitar nem a perder velocidade naquele instante: a sua única esperança residia no facto de o telhado da igreja ser mais baixo do que aquele de onde teria que saltar. Se pudesse atirar-se para diante com força suficiente, e lançar-se verdadeiramente no ar, a gravidade faria o resto. Voaria como um pássaro durante um ou dois segundos. Expulsou da mente qualquer pensamento acerca das consequências de um eventual fracasso.

O rebordo do telhado onde seguia aproximou-se a grande velocidade e a seguir... nada. Irrompeu pelo ar, que ouviu a assobiar-lhe nos ouvidos e sentiu-o a fazer as lágrimas aparecerem-lhe nos olhos. O telhado da igreja parecia estar a uma distância infinita: nunca mais iria alcançá-lo, nunca mais iria rir, lutar ou ter uma mulher nos braços. Não conseguia respirar. Fechou os olhos e depois...

O corpo dobrou-se, procurou estabilizar-se tanto com as mãos como com os pés, mas já estavam apoiados novamente: tinha conseguido, apenas a uns escassos centímetros do rebordo, mas tinha conseguido chegar até ao telhado da igreja!

Mas onde estava Federico? Escalou até à base da torre e virou-se para ver o caminho que tinha percorrido, no preciso momento em que o irmão voava pelo ar por sua vez. Federico aterrou com firmeza, mas o seu peso fez com que uma ou duas telhas se deslocassem do sítio e quase que perdeu o equilíbrio quando as telhas deslizaram pelo telhado, ultrapassando o rebordo, estilhaçando-se uns segundos mais tarde no duro empedrado bem abaixo. Mas Federico reencontrara o equilíbrio e ergueu-se, com o coração acelerado, certamente, mas com um largo sorriso de orgulho no rosto.

— Afinal não és assim tão tartaruga, — disse enquanto subia, para depois dar uma palmada nas costas de Ezio. — Passaste por mim como um relâmpago.

— Eu nem sequer tinha dado por isso, — disse Ezio brevemente, procurando recuperar o fôlego.

— Bem, não vais conseguir vencer-me na subida até ao cimo da torre, — retorquiu Federico, empurrando Ezio para o lado e desatou a escalar a torre atarracada que os pais da cidade estavam a pensar substituir por algo com um desenho mais moderno. Desta vez Federico conseguiu chegar primeiro e até teve que dar uma ajuda ao irmão ferido, que começava a sentir que ir para a cama não seria uma má ideia de todo. Estavam ambos sem fôlego e ficaram parados a apreciar a vista sobre a cidade, serena e silenciosa sob a luz nacarada do alvor, enquanto se restabeleciam.

— Que bela vida esta que levamos, irmão, — disse Federico com uma solenidade inabitual.

— A melhor, — concordou Ezio. — E espero que nunca mude.

Calaram-se os dois, não querendo qualquer deles estragar a perfeição do momento, mas após um momento Federico falou baixinho. — E que nunca nos mude a nós também, *fratellino*. Vem, temos que regressar. Ali está o telhado do nosso palazzo. Reza a Deus para que o nosso pai não tenha ficado acordado toda a noite, senão é que vão ser elas. Anda daí.

Dirigiu-se para o rebordo da torre de maneira a descer de volta para o telhado, mas parou ao ver que Ezio tinha permanecido no sítio onde estava. — O que foi?

— Espera só um minuto.

— Para onde estás a olhar? — Perguntou Federico, juntando-se a ele novamente. — Seguiu o olhar de Ezio e o rosto abriu-se-lhe num sorriso malévolo. — Seu diabo matreiro! Não estás a pensar ir lá agora, pois não? Deixa a pobre rapariga dormir!

— Não. Acho que é o momento certo para a Cristina acordar.

Ezio apenas tinha conhecido Cristina Calfucci há muito pouco tempo, mas já pareciam inseparáveis, apesar do facto dos pais dela acharem que eles ainda eram demasiado jovens para constituírem uma aliança séria. Ezio discordava, mas Cristina tinha apenas dezassete anos e os pais esperavam que Ezio domasse primeiro os seus hábitos selvagens antes de chegarem sequer a olhar mais atenciosamente para ele. Como é evidente, isso apenas servia para torná-lo mais impetuoso.

Ele e Federico andavam a vadiar no mercado principal, depois de comprar uns berloques para o dia do Santo da irmã, observando as meninas bonitas da cidade com as suas *accompagnatrice*, enquanto saltitavam de venda em venda, examinando umas rendas aqui, umas fitas e peças de seda acolá. Mas uma das raparigas sobressaiu de entre as suas companheiras, mais bonita e graciosa do que qualquer uma que Ezio tivesse visto antes.

Ezio nunca mais esquecera aquele dia, o dia em que lhe pôs os olhos em cima pela primeira vez.

— Oh, — suspirou involuntariamente. — Olha! É tão bonita.

— Então, — disse o irmão com o seu sentido prático de sempre. — Porque é que não vais ter com ela e lhe dizes olá?

— O quê? — Enzo ficou chocado. — E depois de lhe dizer olá, o que é que eu faço?

— Ora, podes tentar conversar com ela. Acerca do que compraste, do que ela comprou... não interessa. Tu não vês, meu irmãozinho, que a maioria dos homens têm tanto medo das raparigas bonitas que qualquer um que desencante a coragem para encetar um diálogo ganha logo uma vantagem imediata. Porquê? Pensas que elas não querem que se repare nelas, que elas não querem desfrutar de uma pequena conversa com um homem? Claro que querem! De qualquer modo tu nem és mal parecido e és um Audiotore. Por isso faz-te ao piso, que eu distraio a acompanhante. Agora que penso nisso, até que nem é de se deitar fora.

Ezio lembrou-se de como, ao ficar a sós com Cristina, criando raízes no sítio onde estava, perdeu a fala, ficando a beber a beleza dos seus olhos negros, do seu longo e suave cabelo ruivo, do seu nariz arrebicado...

Ela fitou-o. — O que foi? — Perguntou.

— O que queres dizer com isso? — Respondeu ele com brusquidão.

— Porque é que estás aí especado?

— Oh... humm... porque queria perguntar-te uma coisa.

— Então que coisa seria essa?

— Como te chamas?

Ela revirou os olhos. Bolas, pensou, ela já ouviu esta conversa tantas vezes antes. — Nenhum que necessites alguma vez de usar, — disse ela. E partiu. Ezio ficou a contemplá-la por um instante, mas depois seguiu atrás dela.

— Espera! — Disse, alcançando-a, mais ofegante do que se tivesse corrido um par de quilómetros. — Eu não estava preparado. Eu tinha pensado ser realmente charmoso. E suave! E espirituoso! Não queres dar-me uma segunda oportunidade?

Ela olhou para trás sem interromper a passada, mas concedeu-lhe um vestígio quase imperceptível de um sorriso. Ezio caíra no desespero, mas Federico ficara a observá-lo e disse-lhe suavemente: — Não desistas agora! Eu vi o sorriso que ela te fez! Ela vai lembrar-se de ti.

Ganhando coragem, Ezio seguira-a, mas com discrição, tomando cuidado para que ela não se apercebesse. Por três ou quatro vezes teve que se precipitar para trás de uma banca do mercado, ou então, depois de ela ter abandonado a praça, teve que se agachar na soleira de uma porta, mas

consequira segui-la com bastante sucesso até à porta da mansão da família, onde um homem que reconhecera tinha-lhe bloqueado o caminho. Ezio tinha-se escondido.

Cristina olhara para o homem zangada. — Já te disse antes, Vieri, não estou interessada em ti. Agora, deixa-me passar.

Ezio, bem dissimulado, inspirou uma golfada de ar. Vieri de Pazzi! Pois claro!

— Mas *signorina*, eu estou interessado, muito interessado, mesmo, — disse Vieri.

— Então vai para a fila de espera.

Ela tentou passar por ele, mas ele deslocou-se para a sua frente. — Não acho, *amore mio*. Decidi que estava farto de esperar que tu abriesses as pernas por tua própria vontade. — E pegou nela pelo braço com brutalidade, puxando-a para junto dele, pondo o outro braço em volta dela enquanto ela lutava para se libertar.

— Não me parece que tenhas percebido a mensagem, — disse Ezio de repente, avançando e olhando para Vieri nos olhos.

— Ah, o pirralho Auditore. *Cane rognoso!* O que é que tu tens a ver com isto? Vai para o diabo.

— E *buon' giorno* para ti também Vieri. Lamento intrometer-me, mas tenho a clara impressão que estás a estragar o dia a esta menina.

— Ah, tens, não tens? Desculpa-me minha querida, enquanto eu dou cabo deste arrivista. — Dito isto, Vieri atirara Cristina para o lado e investiu sobre Ezio com o punho direito. Ezio esquivou-se facilmente e deu um passo para o lado, rasteirando Vieri enquanto a inércia do ataque o impulsionou para diante, fazendo-o estatelar-se no pó.

— Já tens a tua conta, amigo? — Disse Ezio, trocista. Mas Vieri levantou-se num instante, e atirou-se a ele num acesso de raiva, com os punhos a girar. Teria conseguido assentar um golpe na parte lateral da mandíbula, de Ezio, mas este defendeu-se do gancho esquerdo e enfiou dois à sua conta, um deles no estômago e quando Vieri se dobrou, outro nos queixos. Ezio virara-se então para certificar-se que Cristina estava bem. Vieri tinha recuado, contorcido, mas a mão dele voou para o punhal. Cristina apercebeu-se do movimento e deu um grito de alarme involuntariamente, no preciso instante em que Vieri fazia o punhal cair sobre as costas de Ezio, mas este, avisado pelo grito, tinha se virado naquela fracção de tempo e agarrara Vieri pelo pulso, afastando de si à força o punhal, que caiu no chão. Os dois jovens ficaram face a face, respirando ofegantemente.

— Isto é o melhor que consegues fazer? — disse Ezio por entre dentes cerrados.

— Cala-me essa boca senão juro por Deus que te mato!

Ezio riu-se. — Suponho que não deveria ficar surpreendido por ver-te a tentares forçar uma simpática rapariga que acha claramente que és um monte de esterco, dado o modo como o teu papá tenta impor os seus interesses bancários em Florença!

— Seu tolo! Quem precisa de uma lição de humildade é o teu pai!

— Já é altura de vocês, os Pazzi pararem de nos caluniar. De qualquer modo, só sabem usar a boca e não os punhos.

O lábio de Vieri sangrava abundantemente. Limpou-o com a manga. — Vais pagar por isto, Auditore! — Cuspiu para os pés de Ezio, debruçou-se para apanhar o punhal e depois virou-se e correu. Ezio ficou a vê-lo partir.

Lembrou-se de tudo aquilo ali na torre da igreja, a olhar na direcção da casa de Cristina. Lembrou-se da exaltação que sentira quando se virara para Cristina e vira um novo calor nos olhos dela enquanto ela lhe agradecia.

— Estás bem, *signorina*? Dissera.

— Agora estou, graças a ti. — Disse hesitante, com a voz ainda a tremel-lhe de medo. — Perguntaste-me o nome... bem, é Cristina. Cristina Calfucci.

Ezio fez uma vénia. — É uma honra conhecer-te, Signorina Cristina. Ezio Auditore.

— Conheces aquele homem?

— Vieri? Os nossos caminhos já se cruzaram uma ou outra vez. Mas as nossas famílias não têm motivos para gostarem uma da outra.

— Eu não quero vê-lo nunca mais.

— Se depender de mim, não mais o verás.

Ela sorriu envergonhadamente e depois disse, — Ezio, tens a minha gratidão... e por causa disso estou disposta a dar-te uma segunda oportunidade, depois do teu mau começo! — Riu-se delicadamente e depois beijou-o na face antes de desaparecer no interior da mansão.

A pequena multidão que se tinha inevitavelmente agrupado brindara Ezio com uma rodada de aplausos. Ele efectuara uma vénia, sorridente e enquanto se afastava apercebera-se que fizera uma nova amiga, mas também um inimigo implacável.

— Deixa a Cristina dormir, — Disse Federico novamente, trazendo Ezio de regresso do seu sonho acordado.

— Haverá tempo suficiente para isso... mais tarde, — respondeu. — Tenho que vê-la.

— Se tens mesmo, está bem... Vou tentar imaginar uma justificação

para o nosso pai. Mas tem cuidado contigo. É bem possível que os homens de Vieri ainda andem por aí. — Dito isto, Fedrico desceu da torre para o telhado num ápice e pulou sobre um carro de feno parado na rua que conduzia até casa.

Ezio ficou a vê-lo partir e depois decidiu imitar o irmão. O monte de feno parecia estar demasiadamente lá em baixo, mas lembrou-se do que tinha aprendido, controlou a respiração, acalmou-se e concentrou-se.

De seguida, voou pelo ar, dando o maior salto da sua vida até então. Por um instante pensou que poderia ter avaliado mal o alvo, mas acalmou o próprio pânico momentâneo e aterrou em segurança sobre o feno. Um verdadeiro salto de fé! Com o fôlego ligeiramente descontrolado, mas exultante com o sucesso, Ezio pulou para a rua.

O sol começava a aparecer sobre as colinas a leste mas ainda andava pouca gente a circular. Ezio estava a ponto de começar a dirigir-se para a mansão de Cristina quando ouviu uns passos a ecoarem. Tentando desesperadamente esconder-se, encolheu-se nas sombras do pórtico da igreja e susteve a respiração. Dobrando a esquina, não era outro senão Vieri quem vinha, com mais dois guardas dos Pazzi.

— Era melhor desistirmos chefe, — disse o guarda mais velho. — Nesta altura já deverão estar bem longe.

— Eu sei que eles estão algures por aqui, — reagiu Vieri. — Eu quase que consigo cheirá-los. — Tanto ele como os homens deram uma volta à praça da igreja, mas não deram sinais de seguirem caminho. A luz do sol estava a encolher as sombras. Ezio rastejou cuidadosamente até ao abrigo do feno novamente e deixou-se ficar durante o que lhe pareceu uma eternidade, impaciente para prosseguir. Num dado momento Vieri passou tão perto, que afinal foi Ezio quase que conseguiu cheirá-lo a ele, mas finalmente mandou os homens seguirem caminho, com um gesto zangado. Ezio deixou-se ficar por um momento mais, depois desceu e soltou um longo suspiro de alívio. Sacudiu-se e cobriu rapidamente a curta distância que o separava de Cristina, rezando para que ninguém naquela casa estivesse já em actividade.

A mansão ainda estava silenciosa, embora Ezio suspeitasse que os criados já estivessem a acender os fogos da cozinha, nas traseiras. Ele sabia qual era a janela de Cristina, e atirou uma mão cheia de gravilha contra as portadas. O barulho pareceu ser ensurdecedor e ele ficou à espera, com o coração ao pé da boca. Então, as portadas abriram-se e ela apareceu na varanda. A camisa de noite revelava-lhe os contornos deliciosos do corpo, atraindo-lhe o olhar. Ficou logo perdido de desejo.

— Quem é? — Perguntou suavemente.

Ele recuou de maneira a que ela pudesse vê-lo. — Sou eu!

Cristina suspirou, mas não de uma maneira inamistosa. — Ezio! De-  
via ter imaginado.

— Posso subir, *mia colomba*?

Ela olhou sobre o ombro antes de responder num sussurro. — Está  
bem. Mas só por um minuto.

— Não preciso de mais.

Ela esboçou um sorriso trocista. — Não me digas?

Ele ficou confuso. — Não... desculpa... não era isso que eu queria  
dizer! Deixa-me demonstrar-to... — Depois de olhar em redor para se cer-  
tificar que as ruas estavam desertas, assentou o pé numas argolas de ferro  
cravadas na pedra cinzenta, daquelas que se usam para prender os cavalos,  
e içou-se, encontrando, na pedra envelhecida, sítios relativamente fáceis  
onde apoiar tanto os pés como as mãos. Içou-se num abrir e fechar de olhos  
sobre a balaustrada e ela caiu-lhe nos braços.

— Oh, Ezio! — Suspirou ela enquanto se beijavam. — Olha para a tua  
cabeça. O que é que andaste a fazer desta vez?

— Não é nada. É só um arranhão. — Fez um compasso de espera,  
sorrindo. — Já que estou cá em cima, talvez possa entrar? — Disse com  
gentileza.

— Entrar para onde?

Ele era todo inocência. — Para o teu quarto, claro.

— Bem, talvez.. se tiveres a certeza de que só precisas de um minuto... .

Com os braços em torno um do outro, franquearam a porta de dois  
batentes, penetrando no calor da luz que banhava o quarto de Cristina.

Uma hora mais tarde, foram acordados pela pujança da luz solar que jorrava  
das janelas, pelos barulhos da animação dos carros e das pessoas na rua e,  
pior que isso, pelo som da voz do pai de Cristina ao abrir a porta do quarto.

— Cristina, — dizia. — Está na hora de acordar, rapariga! O teu tutor  
deve estar mesmo a... Que diabo? Filho da puta!

Ezio beijou Cristina, rapidamente, mas com força. — Acho que está  
na hora de partir, — disse, agarrando nas roupas e precipitando-se para a  
janela. Escapuliu-se pela parede abaixo e já estava a vestir o fato quando  
Antonio Calfucci apareceu acima na varanda. Estava branco de raiva.

— *Perdonate, Messere*, — Proferiu Ezio.

— Eu dou-te o *perdonate, Messere*, — gritou Calfucci. — Guardas!  
Guardas! Corram atrás desse *cimice*! Tragam-me a cabeça dele! E também  
quero os seus *coglioni*!

— Eu pedi desculpa... — Começou Ezio, mas as portas da mansão já  
estavam a abrir-se e os guarda-costas de Calfucci saíram disparados, com

as espadas em riste. Já mais ou menos vestido, Ezio desatou numa correria pela rua abaixo, desviando-se de carroças e empurrando cidadãos pelo caminho, ricos comerciantes vestidos de negro solene, mercadores de vermelho e castanho, pessoas mais humildes em túnicas de fabrico caseiro e até chegou a chocar tão inesperadamente contra uma procissão que não teve outra escolha senão saltar sobre a estátua da Virgem que os monges recurvados e vestidos de negro carregavam. Por fim, depois de se desviar por diversas vielas e de saltar sobre diversos muros, parou e ficou à escuta. Silêncio. Nem sequer já se ouviam os gritos e pragas que o haviam acompanhado pelo caminho, proferidos pelas pessoas em geral. Quanto aos guardas, estava seguro que os despistara.

Esperava apenas que o Signor Calfucci não o tivesse reconhecido. Cristina não o trairia, disso ele tinha a certeza. Para além disso, podia pôr água na fervura junto do pai, que a adorava. E mesmo que tivesse descoberto, refletiu Ezio, ele não seria um mau partido. O pai era dono de uma das maiores casas bancárias da cidade, e um dia até poderia tornar-se maior do que a dos Pazzi ou até mesmo, quem poderia saber, dos Medici.

Socorrendo-se de ruas secundárias, dirigiu-se para casa. O primeiro a encontrá-lo foi Federico, que olhou para ele com gravidade e abanou a cabeça omniosamente. — Estás tramado, — disse. — Não digas que não te avisei.

## 2

O escritório de Giovanni Auditore situava-se no primeiro andar, e proporcionava uma vista sobre os jardins nas traseiras do palazzo, através de duas janelas duplas que se abriam para uma larga varanda. A divisão estava forrada por painéis escuros de carvalho talhado com arabescos, cuja severidade não era mitigável pelos ornatos de gesso do tecto. Podiam ver-se duas secretárias face a face, a maior das quais pertencia a Giovanni e as paredes estavam forradas com estantes cheias de livros de escrituração e rolos de pergaminho nos quais pendiam pesados selos vermelhos. A divisão estava desenhada de maneira a dizer ao visitante: aqui encontrarás opulência, respeitabilidade e confiança. Enquanto líder do Banco Internacional Auditore, que estava especializado em empréstimos aos reinos da Germania que se situavam no interior do que se considerava, teoricamente pelo menos, um Sacro Império Romano, Giovanni Auditore tinha bem a consciência do peso e da responsabilidade da posição que detinha. Tinha esperança que os filhos se apressariam a cair em si e o ajudariam a suportar o fardo que tinha herdado do próprio pai, mas ainda não conseguia ver qualquer sinal disso. No entanto...

Sentado diante da secretária, lançou olhou um ar zangado para o filho do meio. Ezio estava junto à outra secretária, entretanto desocupada pelo assistente de Giovanni para proporcionar a pai e filho a privacidade que necessitavam, pelo que Ezio temeu que a entrevista iria ser dolorosa. Era agora o início da tarde. Estivera toda a manhã atemorizado com a convocatória, embora também tivesse aproveitado o tempo para roubar umas quantas horas para o sono, já tão necessário para recuperar uma mínima lucidez. Adivinhara que o pai lhe quisera dar essa oportunidade antes de lhe cair em cima.

— Meu filho: achas que sou cego e surdo? — Giovanni trovejava. — Achas que eu não tive conhecimento da luta com Vieri de Pazzi e o seu bando junto à ponte, na noite passada? Às vezes chego a pensar que não

és muito melhor que ele, e os Pazzi são daqueles inimigos que se podem tornar muito perigosos. — Ezio estava a ponto de falar, mas o pai levantou a mão alertando-o. — Faz-me o favor de me deixares acabar! Inspirou fundo. — E como se isso não fosse suficientemente mau, trataste de começar a andar atrás de Cristina Calfucci, a filha de um dos mercadores com mais sucesso de toda a Toscânia e não contente com isso, enfiaste-te na cama dela! Isso é intolerável! Não tens qualquer consideração pela reputação da tua família? — Fez uma pausa e Ezio surpreendeu-se por ver-lhe o vestígio de uma cintilação no olho. — Com certeza que tens consciência do que tudo isto significa, não tens? — Continuou Giovanni. — Já te apercebeste de que é que tu me fazes lembrar, não foi?

Ezio baixou a cabeça, mas depois ficou surpreendido por ver o pai levantar-se, atravessar o escritório até ele e pôr-lhe o braço em volta do ombro, com um sorriso malicioso de orelha a orelha.

— Seu diabrete! Fazes lembrar-me a mim mesmo quando tinha a tua idade! — Mas Giovanni assumiu um ar grave novamente. — Não penses porém que eu não te castigaria sem piedade, se não tivesse uma necessidade premente de ter-te aqui comigo. Se não fosse assim, toma bem nota das minhas palavras, ter-te-ia mandado para junto do teu tio Mario, para que te alistasse no seu esquadrão de *condotieri*. Isso iria incutir-te algum bom senso! Mas tenho que contar contigo e embora não pareças ter cabeça para percebê-lo, estamos a atravessar um período crucial na nossa cidade. Como é que sentes a cabeça? Estou a ver que já tiraste a ligadura.

— Muito melhor pai.

— Então presumo que nada irá interferir com o trabalho que te preparei, para o resto do dia?

— Prometo-lhe, Pai.

— Acho bem que cumpras a promessa. — Giovanni regressou para a secretária, retirou de um compartimento uma carta ostentando o selo dele e estendeu-a para o filho juntamente com dois documentos de pergaminho numa pasta de couro. — Quero que entregues isto a Lorenzo de Medici, no banco dele, sem demora.

— Posso perguntar do que se trata, Pai?

— No que diz respeito aos documentos, não podes. Mas podes bem saber que a carta dá conhecimento actualizado a Lorenzo acerca dos nossos negócios com Milão. Levei toda a manhã a prepará-la. É um assunto que não pode sair daqui, mas se eu não te dou a minha confiança, nunca aprenderás a ser responsável. Corre um rumor acerca de uma conspiração contra o Duque Galeazzo, um trabalhinho daqueles, asseguro-te, mas Florença não pode permitir-se que Milão se desestabilize.

— Quem é que está envolvido?

Giovanni olhou para o filho com os olhos cerrados: — Diz-se que os principais conspiradores são Giovanni Lampugnani, Gerolamo Olgiati e Carlo Visconti, mas tudo leva a crer que o nosso próprio querido Francesco de Pazzi também está envolvido, e mais do que isso, está de pé um plano que parece englobar mais do que apenas a política de duas cidades-estado. O Gonfaloniere de cá colocou Francesco sob custódia por enquanto, mas os Pazzi não vão gostar nada disso. — Giovanni interrompeu-se a si mesmo. — Pronto. Já te disse demasiado. Assegura-te de que isto chegue a Lorenzo rapidamente: ouvi dizer que ele ia partir em breve para Careggi, para apanhar ares do campo, e quando o gato está fora...

— Vou tentar lá chegar o mais depressa possível.

— Belo rapaz. Vá, segue viagem!

Ezio partiu sozinho, percorrendo ruas secundárias até tão longe quanto foi possível, nunca pensando que Vieri pudesse andar ainda à procura dele. Mas de repente, numa rua sossegada a poucos minutos do Banco de Medici, ali estava ele, a bloquear o caminho de Ezio. Ao tentar retomar outro caminho, Ezio descobriu mais homens de Vieri a cortar-lhe a retirada. Virou-se novamente. — Desculpa meu porquinho, — gritou para Vieri, — mas eu não tenho mesmo tempo para te dar outra tarefa agora.

— Não sou eu que vou apanhar uma tarefa, — gritou Vieri de volta. — Estás encurralado; mas não te preocupes... eu mando-te uma bela coroa de flores para o teu funeral.

Os homens de Pazzi estavam a aproximar-se. Sem dúvida que Vieri já sabia da prisão do pai. Ezio olhou em redor desesperado. As casas altas e os muros daquela rua não lhe deixavam escapatória. Cingiu o estojo contendo os documentos preciosos junto ao corpo com firmeza, escolheu a melhor casa ao seu alcance e saltou sobre a parede, agarrando-se às pedras salientes tanto com as mãos como com os pés e escalando até ao telhado. Assim que se apanhou lá em cima, parou por um instante, baixando o olhar na direcção do rosto irado de Vieri. — Nem sequer tenho tempo para mi-jar-te em cima, — disse, e desatou a galopar pelos telhados tão rapidamente quanto pôde, descendo para o chão com renovada agilidade assim que se desembaraçou dos perseguidores.

Uns instantes mais tarde, estava à porta do banco. Entrou e reconheceu Boetio, um dos servidores de confiança de Lorenzo. Ali estava um golpe de sorte. Ezio foi logo ter com ele.

— Hei, Ezio! O que é que te trás aqui tão apressadamente?

— Boetio, não há tempo a perder. Tenho aqui comigo umas cartas do meu pai para Lorenzo.

Boetio fez uma cara séria e afastou as mãos. — *Ahimè*, Ezio! Chegaste tarde. Partiu para Careggi.

— Então tens de assegurar-te que ele as recebe tão depressa quanto for possível.

— Estou certo de que não foi por mais de um dia, mais ou menos. Nestes tempos...

— Estou a começar a ver como são estes tempos! Assegura-te de que ele as recebe, Boetio, e confidencialmente! Tão depressa quanto for possível!

Quando regressou ao próprio Palazzo, dirigiu-se rapidamente para o escritório do pai, ignorando tanto a conversa amigável de circunstância de Federico, que espaiencia sob uma árvore do jardim, como as tentativas do secretário do pai Giulio, de o impedir de franquear a porta fechada do santuário íntimo de Giovanni. Encontrou o pai numa conversa profunda com o Magistrado Supremo de Florença, o Gonfaloniere Uberto Alberti. Nada de surpreendente, uma vez que os dois homens eram velhos amigos e Ezio tratava Alberti como se fosse um tio. Mas ele apanhou-lhes as expressões carregadas de seriedade nos rostos.

— Ezio, meu rapaz! — Disse Uberto com simpatia. — Como vais? Sem fôlego, como de costume, pelo que vejo.

Ezio olhou para o pai com ansiedade.

— Tenho estado a tentar acalmar o teu pai, — continuou Uberto. — Tem havido muitos sarilhos, como sabes; mas... — virou-se para Giovanni e o tom tornou-se mais sério, — ... a ameaça cessou.

— Entregaste os meus documentos? — Perguntou Giovanni com aspereza.

— Sim, pai. Mas o Duque Lorenzo já tinha partido.

Giovanni franziu o sobrolho. — Não imaginei que partisse tão cedo.

— Deixei-os com Boetio, disse Ezio. — Ele vai mandar-lhos o mais depressa possível.

— Talvez não suficientemente depressa, — disse Giovanni, soturnamente.

Uberto deu-lhe uma palmada nas costas. — Olha, — disse. — Não será por mais do que um dia ou dois. Temos Francesco atrás das grades. O que é que poderia acontecer entretanto?

Giovanni pareceu parcialmente reconfortado, mas ficou claro que os dois homens tinham mais assuntos para conversar e que a presença de Ezio já não era desejada.

— Vai ter com a tua mãe e a tua irmã, — disse Giovanni. — Deverias passar mais tempo com o resto da família para além do Federico, sabes! E descansar essa tua cabeça... Vou precisar de ti outra vez mais tarde. — E com um aceno do pai, Ezio foi dispensado.

Vagueou pela casa, cumprimentando com um aceno de cabeça um ou dois dos criados da família e Giulio, que regressava apressadamente para o

escritório do banco vindo de algures, com um maço de papéis nas mãos e com um ar, como habitualmente, de quem estava assoberbado por todos os assuntos que tinha na cabeça. Ezio acenou para o irmão, ainda espreiado no jardim, mas não teve vontade de se lhe juntar. Para além disso, tinha-lhe sido dito para fazer companhia à mãe e à irmã ele sabia bem que não convinha desobedecer ao pai, especialmente após a discussão do princípio de tarde.

Encontrou a irmã sozinha na *loggia*, com um livro de Petrarca mal tratado nas mãos. Fazia sentido. Ele sabia que ela estava apaixonada.

— *Ciao*, Claudia, — disse.

— *Ciao*, Ezio. Por onde é que andaste?

Ezio abriu os braços. — Estive a entregar umas mensagens referentes a negócios para o Pai.

— Pelo que sei isso não foi tudo, — retorquiu ela, mas com um sorriso ténue e automático.

— Onde está a Mãe?

Claudia suspirou. — Foi encontrar-se com esse jovem pintor acerca do qual todos falam. Tu sabes: aquele que acabou agora de aprender com Verrocchio.—

— Ai foi?

— Será que não ligas a nada do que se passa nesta casa? Ela encomendou-lhe alguns quadros. Acredita que com o tempo se tornarão bons investimentos.

— Aí está a nossa Mãe!

Mas Claudia não respondeu, e pela primeira vez Ezio apercebeu-se plenamente da tristeza no rosto dela. Fazia-a parecer muito mais velha do que os dezasseis anos que tinha.

— Que se passa *sorellina*? Perguntou, sentando-se no banco de pedra a seu lado.

Ela suspirou e olhou para ele com um sorriso pesaroso. — É o Ducio, — disse, por fim.

— E o que tem ele?

Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. — Descobri que tem-me sido infiel.

Ezio franziu o sobrolho. Ducio estava praticamente noivo de Claudia, embora ainda não tivesse havido um anúncio formal...

— Quem é que te disse isso? — Perguntou, pondo o braço em volta dela.

— As outras raparigas. — Esfregou os olhos e olhou para ele. — Pensei que eram minhas amigas, mas acho que gostaram de mo dizer.

Ezio levantou-se furioso. — Então não são melhores do que harpias! Estarias melhor sem elas.

— Mas eu amava-o!

Ezio esperou um instante antes de responder. — Tens a certeza? Talvez apenas pensasses que sim. Como é que te sentes agora?

Os olhos de Claudia estavam secos. — Gostava de o ver sofrer, nem que fosse só um bocadinho. Ele magoou-me mesmo, Ezio.

Ezio olhou para a irmã, olhou para a tristeza nos seus olhos, uma tristeza misturada com um toque de raiva mais do que evidente. O coração dele endureceu.

— Acho que vou fazer-lhe uma visita.

Duccio Dovizi não estava em casa, mas a governanta disse a Ezio onde poderia encontrá-lo. Ezio atravessou a “Ponte Vecchio” e seguiu para leste junto à margem sul do Arno até à igreja de San Jacopo Soprano. Existiam uns jardins isolados nas redondezas, onde amantes ocasionalmente se encontravam. Ezio, cujo sangue estava a ferver por causa da irmã, precisava apesar de tudo de mais provas acerca da infidelidade de Duccio para além das intrigas e começou a pensar que estava prestes a consegui-las.

De facto, não tardou muito até se aperceber de um jovem cavalheiro louro, vestido para matar, sentado num banco junto ao rio, com o braço sobre uma rapariga de cabelo escuro que não reconheceu. Aproximou-se com cautela.

— Que lindo, meu querido, — dizia a rapariga, estendendo a mão. Ezio viu o refulgir de um anel de diamantes.

— Para ti, nada menos do que o melhor, *amore*, — Atirou Duccio, puxando-a para si para obter um beijo.

Mas a rapariga repeliu-o. — Tão depressa não. Não podes comparar-me. Não nos vemos assim há tanto tempo e eu ouvi dizer que tinhas sido prometido a Claudia Auditore.

Duccio cuspiu. — Isso acabou. De qualquer maneira, o Pai diz que eu consigo arranjar melhor do que uma Auditore. — Cravou-lhe a mão no traseiro. — Tu, por exemplo!

— *Birbante!* Vamos andar um bocadinho.

— Eu consigo pensar em algo que seria bem mais divertido, — disse Duccio, pondo a mão entre as pernas dela.

Foi o que bastou para Ezio. — Hei, *lurido porco*, — disparou.

Duccio foi apanhado completamente de surpresa, e girou sobre si próprio, largando a rapariga. — Hei, Ezio, meu amigo, — exclamou, mas com a voz tomada pelos nervos. Quanto é que Ezio vira? — Acho que ainda não te apresentei a minha... prima?

Ezio, furioso com a traição, atirou-se e deu um murro no antigo amigo, em cheio na cara. — Duccio, devias ter vergonha! Ao pavoneares-te com esta... esta *puttana*, insultas a minha irmã!

— Quem é que tu estás a chamar *puttana*? Refilou a rapariga, mas levantou-se e afastou-se.

— Eu pensava que uma rapariga como tu conseguia fazer melhor do que dar-se com este cabrão, — disse-lhe Ezio. — Acreditas mesmo que ele vai fazer de ti uma senhora?

— Não fales assim com ela, — espumou Duccio. — Pelo menos é mais generosa nos favores do que a tua irmãzinha de cu apertadinho. Mas deve ser porque tem um buraco tão seco como de uma freira. É pena, podia ter-lhe ensinado uma coisa ou duas. E daí...

Ezio interrompeu-o friamente. — Partiste-lhe o coração, Duccio...

— Ai parti? Que pena.

— ... e é por isso que eu vou partir-te o braço.

Perante isso, a rapariga gritou e fugiu. Ezio pegou em Duccio, que gemia e forçou o braço direito do jovem galante a bater na aresta do banco de pedra onde momentos antes estivera sentado com o pau feito. Pressionou-lhe o antebraço contra a pedra até os gemidos de Duccio se transformarem em lágrimas.

— Para Ezio! Imploro-te! Eu sou o único filho do meu pai!

Ezio olhou para ele com desprezo e soltou-o. Duccio caiu para o chão e rebolou, afagando o braço magoado e choramingando, com as suas roupas finas rasgadas e sujas.

— Não vales o esforço, — disse-lhe Ezio. Mas se não queres que mude de opinião acerca do teu braço, mantém-te afastado de Cláudia. E mantém-te afastado de mim.

Após o incidente, Ezio escolheu um caminho mais longo para regressar a casa, vagueando ao longo da margem do rio até quase chegar aos campos. Quando deu meia volta, as sombras já se alongavam, mas a sua mente estava mais calma. Nunca se realizaria como homem, disse para si próprio, se permitisse que a raiva tomasse alguma vez completamente conta dele.

Mais perto de casa, vislumbrou o irmão mais novo, que não via desde a manhã do dia anterior. Cumprimentou o rapazinho com afecto. — *Ciao*, Petruccio. O que é que andas a tramar? Deixaste o teu tutor pendurado? De qualquer maneira, não achas que já devias estar na caminha?

— Não sejas parvo. Já sou praticamente um crescido. Daqui a poucos anos já serei capaz de te tirar as peneiras à porrada! — Os irmãos sorriram maliciosamente um para o outro. Petruccio segurava uma caixa esculpida em madeira de pereira junto ao peito. Estava aberta e Ezio reparou que continha uma mão cheia de penas brancas e castanhas. — São penas de águia, — explicou o rapaz. — Existe um velho ninho ali em cima. — A cria já deve ter esvoaçado para longe. Consigo ver muitas penas mais sobre os

baixos-relevos. — Petruccio implorou para o irmão com o olhar. — Ezio, importavas-te de apanhar-me mais algumas?

— Mas para que é que as queres?

Petruccio baixou o olhar. — É segredo, — disse.

— Se eu as apanhar, vais para dentro? Já é tarde.

— Sim.

— Prometes?

— Prometo.

— Então está bem. — Ezio pensou, bem, já fiz um favor à Cláudia, não há razão para não fazer um ao Petruccio também.

Subir à torre era complicado, uma vez que a pedra era lisa e ele tinha que concentrar-se para encontrar onde agarrar-se e apoiar-se nas juntas das pedras. Mais acima, os ornamentos também deram uma ajuda. Por fim, demorou meia hora mas conseguiu apanhar mais quinze penas, todas aquelas que conseguira ver, e trouxe-as de volta para Petruccio.

— Deixaste escapar uma, — disse Petruccio, apontando para cima.

— Para a cama! — Resmungou o irmão.

Petruccio fugiu.

Ezio desejou que a mãe ficasse contente com o presente. Não era preciso muito para desvendar os segredos de Petruccio.

Sorriu ao entrar em casa por sua vez.

### 3

**N**a manhã seguinte, Ezio acordou tarde, mas descobriu para seu alívio que o pai não tinha nenhum assunto imediato para ele tratar. Foi até ao jardim onde encontrou a mãe a supervisionar trabalhos nas cerejeiras, nas quais as flores davam os primeiros sinais de começarem a murchar. Ela sorriu ao vê-lo, e acenou para que ele se aproximasse. Maria Auditore era uma mulher alta e digna no princípio dos seus quarenta, com o longo cabelo negro preso sob um chapéu branco de musselina orlado com as cores negra e dourada da família.

— Ezio! *Buon giorno*.

— *Madre*.

— Como estás? Melhor, espero. — Tocou-lhe na ferida da cabeça com cuidado.

— Estou óptimo.

— O teu pai disse que devias descansar tanto quanto pudesses.

— Eu não preciso de descanso, Mamma!

— Bom, de qualquer maneira esta manhã não haverá excitações para ti. O teu pai pediu-me que tomasse conta de ti. Eu sei das asneiras que andaste a fazer.

— Não sei do que estás a falar.

— Não brinques comigo, Ezio. Eu sei da tua luta com o Vieri.

— Ele andou a espalhar histórias falsas acerca da nossa família. Não podia deixá-lo sem castigo.

— Vieri está sob pressão, e agora ainda mais, desde que o pai foi preso. — fez um compasso de espera, meditativa. — Francesco de Pazzi pode ser muitas coisas, mas nunca o imaginei capaz de aderir a uma conspiração para matar um Duque.

— O que é que vai acontecer-lhe?

— Vai haver um julgamento. Imagino que o teu pai possa ser uma testemunha chave, quando o nosso Duque Lorenzo regressar.

Ezio parecia agitado.

— Não te preocupes, não tens nada a temer. E eu não vou pedir-te para fazeres nada que não gostes... na verdade, queria que tu me acompanhasses num assunto que tenho para tratar. Não vai demorar muito, e até acho que vais achar aprazível.

— Terei todo o gosto em ajudar-te Mamma.

— Então anda daí. Não é longe daqui.

Deixaram o palazzo juntos, a pé, de braço dado e caminharam em direcção à catedral, até ao pequeno bairro que se situava aí perto, onde muitos dos artistas de Florença tinham os ateliers. Alguns, como o de Verrocchio e o da estrela em ascensão Alessandro di Moriano Filipepi, que tinha ganho entretanto a alcunha Botticelli, eram locais amplos, com muito movimento, onde assistentes e aprendizes se atarefavam preparando cores e misturando pigmentos, enquanto outros eram mais humildes. Foi à porta de um destes últimos que Maria se deteve e bateu. Foi aberta imediatamente por um jovem cavalheiro, elegante, bem vestido, quase aperaltado, mas com um porte atlético, com o cabelo castanho-escuro desgrenhado e uma barba luxuriante. Deveria ter mais seis ou sete anos do que Ezio.

— Madonna Auditore! Bem-vinda! Tenho estado à sua espera.

— Leonardo, *buon giorno*. — Os dois trocaram beijos formais. A minha mãe deve ter este artista em boa conta, pensou Ezio, mas gostou imediatamente do seu aspecto.

— Este é o meu filho Ezio, — continuou Maria.

O artista fez uma vénia. — Leonardo da Vinci, — disse. — *Molto onorato, signore*.

— Maestro.

— Ainda não propriamente... por enquanto. — Sorriu Leonardo. — Mas no que é que eu estou a pensar? Entrem, entrem! Vou ver se o meu assistente descobre um pouco de vinho para vós enquanto eu vou buscar os vossos quadros.

O estúdio não era muito grande, mas a tralha que continha fazia-o parecer ainda mais pequeno do que era. As mesas estavam repletas de esqueletos de pássaros e de pequenos mamíferos e jarros cheios de um fluido incolor continham objetos orgânicos de diversos géneros, embora Ezio não conseguisse reconhecer nenhum, mesmo esforçando-se. Um banco corrido ao fundo sustinha umas estruturas curiosas meticulosamente esculpidas em madeira, e dois cavaletes suportavam pinturas inacabadas, com tons mais escuros do que o habitual e cujos contornos estavam definidos de maneira menos clara. Ezio e Maria puseram-se à vontade, e emergindo de uma divisão interior, o rapaz elegante apareceu com uma bandeja com vinho e bolinhos. Serviu-os, sorriu timidamente e retirou-se.

— Leonardo tem muito talento.

— Se tu achas, *Madre*. Eu percebo pouco de arte. — Ezio pensava que a vida dele consistiria em seguir as pisadas do pai, embora, no seu íntimo, existisse uma faceta de rebelde e aventureiro que ele sabia não assentar bem no carácter de um banqueiro Florentino. De qualquer dos modos, como o irmão mais velho, ele via-se como um homem de acção, não como um artista ou um conhecedor.

— Sabes, a expressão própria constitui uma parte vital para a compreensão da vida e para a desfrutar plenamente. — Olhou para ele. — Tu próprio devias encontrar um escape, meu querido.

Ezio sentiu-se picado. — Eu tenho muitos escapes.

— Eu quero dizer para além das putas, — retorquiu a mãe pragmaticamente.

— Mãe! — Mas a única resposta de Maria foi um encolher de ombros e um afilar dos lábios. — Seria bom se pudesses cultivar amizade com um homem como Leonardo. Eu acho que tem um futuro promissor à frente dele.

— Pelo ar deste lugar, estou inclinado a discordar de ti. —

— Não sejas atrevido!

Foram interrompidos pelo regresso de Leonardo, vindo da divisão interior, carregando duas caixas. Poisou uma delas no chão. — Importas-te de levar esta? — Pediu a Ezio. — Eu podia pedir ao Agniolo, mas ele tem que ficar a guardar a loja. Além disso, eu acho que ele não é suficientemente forte para este género de trabalho, coitado.

Ezio debruçou-se para pegar na caixa e ficou surpreendido pelo seu peso. Quase que a deixou cair.

— Cuidado! — Avisou Leonardo. — Contém quadros delicados e a tua mãe pagou-me bom dinheiro por eles!

— Vamos? — Disse Maria. — Mal posso esperar para os pendurar. Espero que aprove os locais que escolhi, — adiantou a Leonardo. Ezio estava um pouco contrariado: será que aquele artista aprendiz justificava tanta deferência?

Enquanto caminhavam, Leonardo conversou amigavelmente e Ezio acabou por aperceber-se que estava a ser involuntariamente conquistado pelo charme do homem. E no entanto, havia algo nele que ele achava instintivamente perturbador, algo que ele não conseguia indicar claramente. Uma certa fleuma? Um sentido de despreendimento em relação aos seus semelhantes? Talvez estivesse com a cabeça nas nuvens, como tinham tantos outros artistas, pelo menos a julgar pelo que haviam contado a Ezio. Mas Ezio sentiu um respeito instantâneo e instintivo pelo homem.

— Então e tu, Ezio o que é que fazes? — Perguntou-lhe Leonardo.

— Trabalha para o pai, — respondeu Maria.

— Ah. Um financeiro! Bem, nasceste na cidade certa para isso!

— Também é uma boa cidade para os artistas, — disse Ezio. — Com tantos patronos ricos.

— No entanto somos tantos, — resmungou Leonardo. — É difícil atrair as atenções. É por isso que eu estou tão em dívida para com a tua mãe. Podes ter a certeza que ela tem um olho muito vivo!

— Dedicas-te só à pintura? — Perguntou Ezio, pensando na diversidade que vira no estúdio.

Leonardo olhou pensativo. — Ai está uma pergunta difícil. Para dizer a verdade, tenho dificuldade em dedicar-me apenas a uma coisa, agora que estou por minha conta. Adoro a pintura, e sei que consigo dedicar-me a isso, mas... de alguma maneira consigo ver o fim antes de lá chegar e isso por vezes torna mais difícil acabar as coisas. Tenho que ser pressionado! Mas isso não é tudo. Muitas vezes acho que falta à minha obra... não sei... um objectivo. Será que isto faz algum sentido?

— Devias ter mais confiança em ti próprio, Leonardo, — disse Maria.

— Obrigado, mas existem momentos em que eu preferiria fazer trabalhos mais práticos, trabalhos com uma ligação mais directa à vida. Eu quero compreender a vida... como é que ela funciona, como é que tudo funciona.

— Então tens que ser cem homens num só, — disse Ezio.

— Se isso fosse possível! Eu sei o que quero explorar: a arquitectura, a anatomia e mesmo a engenharia. Eu não quero capturar o mundo com o meu pincel, quero mudá-lo!

Ficou impressionado por Ezio ter ficado mais impressionado do que irritado; é que ele não estava a armar-se de todo; na verdade, parecia quase atormentado pelas ideias que jorravam dele. Não tardará, pensou Ezio, que ele venha dizer-nos que também está envolvido na música e na poesia!

— Queres poisar isso e descansar por um instante, Ezio? — Perguntou Leonardo. — Talvez seja demasiado pesado para ti.

Ezio rangeu os dentes. — Não, grazie. De qualquer maneira, estamos quase lá.

Quando chegaram ao Palazzo Auditore, ele carregou a caixa que levava até ao hall de entrada e poisou-a devagar, com tanto cuidado quanto os músculos doridos permitiam, e ficou mais aliviado do que alguma vez poderia admitir, mesmo para si próprio.

— Obrigado Ezio, — disse a mãe. Acho que agora podemos orientar-nos bem sem ti, mas é claro que se quiseres vir dar-nos uma ajuda a pendurar os quadros...

— Obrigado, Mãe... Acho que é uma tarefa que fica melhor entregue a ambos.

Leonardo estendeu a mão. — Foi muito bom conhecer-te, Ezio. Espero que os nossos caminhos se cruzem novamente em breve.

— *Anch'io.*

— Podias só chamar um dos criados para dar uma mão a Leonardo. — Disse-lhe Maria.

— Não, — Disse Leonardo. — Prefiro ser eu a tratar disto. Imagina que alguém deixava cair uma das caixas!

Dobrando os joelhos, içou a caixa que Ezio tinha poisado, colocando-a debaixo da axila. — Vamos? — Disse para Maria.

— Por aqui, — disse Maria. — Adeus, Ezio, vemo-nos ao fim do dia, para jantarmos. Vem comigo, Leonardo.

Ezio ficou a vê-los deixar o hall de entrada. De facto, este Leonardo era alguém que inspirava respeito.

Depois do almoço, já ao fim da tarde, Giulio apareceu apressado (como sempre), para o informar que o pai requeria a presença dele no escritório. Ezio apressou-se a seguir o secretário ao longo do corredor forrado a madeira de carvalho, que conduzia para a parte de trás da mansão.

— Ah, Ezio! Entra meu rapaz. — O tom de Giovanni era sério e profissional. Estava de pé atrás da secretária, sobre a qual estavam poisadas duas grandes cartas, envoltas em velino e seladas.

— Dizem que o Duke Lorenzo regressa amanhã ou depois de amanhã o mais tardar, — disse Ezio.

— Eu sei. Mas não há tempo a perder. Quero que as entregues a uns associados meus, aqui na cidade. — Empurrou as cartas sobre a secretária.

— Sim, Pai.

— Também preciso que me tragas uma mensagem que um pombo-correio trouxe até ao pombal da piazza ao fim da rua. Tenta assegurar-te que ninguém te vê a trazê-la.

— Vou fazer o possível.

— Ótimo. Volta para cá assim que terminares. Tenho assuntos importantes para tratar contigo.

— Senhor.

— E desta vez, comporta-te. Nada de lutas, desta vez.

Ezio decidiu atacar primeiro o pombal. O crepúsculo aproximava-se e ele sabia que haveria menos pessoas na rua nessa altura... um pouco mais tarde a praça iria ficar apinhada de Florentinos a efectuarem a sua *passeggiata*. Quando chegou ao destino, reparou nuns graffitis na parede atrás e sobre o pombal. Ficou intrigado: seriam recentes, ou apenas ter-lhe-iam passado despercebidos antes? Era uma linha do Livro de Ecle-

siastes que estava cuidadosamente inscrita: AQUELE QUE AUMENTAR O CONHECIMENTO AUMENTARÁ A TRISTEZA. Um pouco mais abaixo, alguém tinha inscrito com uma letra mais rude: ONDE ESTÁ O PROFETA?

Mas o pensamento virou-se-lhe rapidamente para a sua tarefa. Reconheceu instantaneamente o pombo que procurava... era o único com um bilhete atado na perna. Retirou-a rapidamente e pôs delicadamente a ave de volta no poleiro, mas depois hesitou. Será que deveria ler o bilhete? Não estava selado. Desenrolou o bilhete rapidamente e descobriu que não continha nada mais para além de um nome... o de Francesco de Pazzi. Ezio encolheu os ombros. Ele supôs que significaria algo mais para o pai do que para ele. O motivo devido ao qual o nome do pai de Vieri, um dos possíveis conspiradores numa trama para derrubar o Duque de Milão, factos que Giovanni já conhecia, deveria ter algum significado adicional, ultrapassava-o. A não ser que significasse algum tipo de confirmação.

Mas ele tinha que despachar-se com a prossecução do serviço. Escondeu o bilhete na bolsa do cinto e seguiu caminho até à morada mencionada no primeiro envelope. A localização surpreendeu-o, pois situava-se no bairro da animação nocturna. Já se deslocara lá muitas vezes com Federico, isto antes de conhecer Cristina, claro, mas nunca se sentira confortável por lá. Enquanto se aproximava da ruela sombria que o pai lhe tinha indicado, colocou a mão sobre a pega do punhal para se tranquilizar. A morada revelou-se ser uma taberna rasteira, mal iluminada, que servia Chianti barato em copos de barro.

Enquanto estava perdido, sem saber o que fazer a seguir, porque não parecia haver ninguém por perto, foi surpreendido por uma voz a seu lado.

— És o miúdo do Giovanni?

Virou-se, para enfrentar o homem de aparência rude, cujo hálito cheirava a cebola. Estava acompanhado por uma mulher que talvez tivesse sido bonita em tempos, mas que aparentava ter uns dez anos às costas que lhe haviam apagado quase todo o encanto. Se tivesse restado algum, estava nos seus olhos claros e inteligentes.

— Não, seu idiota! — Disse ela para o homem. — É apenas uma coincidência que se pareça exactamente como o pai.

— Tens algo para nós, — disse o homem, ignorando-a. — Dá cá.

Ezio hesitou. Verificou a morada. Estava certa.

— Passa-ma para cá, amigo, — disse o homem, aproximando-se. Ezio apanhou em cheio com o bafó dele. Será que o homem vivia de cebolas e alhos?

Colocou a carta na mão aberta do homem, que se encerrou instantaneamente à sua volta e a transferiu para uma bolsa de couro que tinha a seu lado.

— Lindo rapaz, — disse, e depois sorriu. Ezio surpreendeu-se por o sorriso lhe conferir uma certa, e surpreendente, nobreza. Mas não as suas palavras. — Mas não te preocupes, — acrescentou. — Não somos contagiosos. — Fez uma pausa, para olhar para a mulher. — Pelo menos eu não sou!

A mulher riu-se e deu-lhe um murro no braço. Depois, desapareceram.

Ezio saiu da ruela com alívio. A morada da segunda carta direcionou-o para uma rua a oeste do Batistério. Um bairro bem melhor, mas muito sossegado nesta altura do dia. Despachou-se a atravessar a cidade.

Um homem corpulento, que parecia um soldado, estava à sua espera debaixo de um arco que cobria a rua. Envergava o que parecia ser roupa do campo de couro, mas cheirava a limpo e fresco e estava bem escanhado.

— Aqui, — acenou.

— Tenho algo para si, — disse Ezio. — De... Giovanni Auditore? — O homem falou num tom pouco acima de um suspiro.

— Si.

O homem olhou em redor, rua abaixo e rua acima. Apenas se via um acendedor de lanternas a alguma distância. — Foste seguido?

— Não... porque deveria ter sido?

— Esquece. Dá-me a carta. Rápido.

Ezio estendeu-lha.

— As coisas estão a aquecer, — disse o homem. — Diz ao teu pai que eles vão atacar esta noite. Ele deveria fazer planos para pôr-se em segurança.

Ezio foi apanhado de surpresa. — O quê? O que é que isso quer dizer?

— Já disse demasiado. Vai para casa depressa. — E o homem diluiu-se nas sombras.

— Espere! — Gritou Ezio, por ele. — O que é que quis dizer? Volte!

Mas o homem tinha desaparecido.

Ezio percorreu rapidamente a rua até junto do acendedor de lanternas. — Que horas são? Perguntou. O homem esfregou os olhos e olhou para o céu. — Deve ter passado uma hora desde que eu peguei ao serviço. — Disse. — O que faz com que estejamos na vigésima hora, aproximadamente.

Ezio fez uma conta rápida. Deveria ter deixado o palazzo há duas horas, e levaria talvez uns vinte minutos a regressar novamente a casa. Desatou a correr. Uma premonição terrível invadiu-lhe a alma.

Mal a vista dele conseguiu alcançar a mansão Auditore, soube imediatamente que algo não estava bem. Não se viam luzes nenhuma e as grandes portas dianteiras estavam abertas. Acelerou a passada, chamando enquanto corria: Pai! Federico!

O grande hall de entrada do palazzo estava escuro e vazio, mas havia luz suficiente para Ezio ver mesas viradas, cadeiras partidas, vidros e louça partidos. Alguém tinha arrancado os quadros de Leonardo das paredes e depois tinha-os rasgado com uma faca. Na escuridão, mais à frente, podia ouvir o som de soluços... uma mulher soluçando: a sua mãe!

Quando começou a avançar em direcção ao som, uma sombra mexeu-se atrás dele, empunhando algo sobre a sua cabeça. Ezio virou-se e agarrou um pesado candelabro de prata que alguém fazia cair sobre a cabeça dele com um grito de alarme. Atirou o candelabro para fora do alcance, agarrou o braço do atacante e puxou a pessoa na direcção da pouca luz que havia. Tinha um impulso assassino no coração e já brandia o punhal em riste.

— Oh! *Ser Ezio!* É o senhor! Graças a Deus!

Ezio reconheceu a voz e depois a cara da governanta da casa, Annetta, uma mulher do campo aguerrida que estava com a família há vários anos.

— O que é que aconteceu? — Perguntou a Annetta, agarrando-lhe os pulsos e sacudindo-a, tomado pelo pânico e pela angústia.

— Os guardas da cidade... vieram. Prenderam o vosso pai e Federico... levaram até o pequeno Petruccio, arrancaram-no dos braços da vossa mãe!

— Onde está a minha mãe? Onde está Cláudia?—

— Estamos aqui, — proferiu uma voz trémula vinda das sombras. Cláudia apareceu, com a mãe apoiada no braço. Ezio puxou uma cadeira para a mãe se sentar. Apesar da luz ser fraca, conseguiu ver que Cláudia sangrava e que as roupas dela estavam rasgadas e sujas. Maria não o reconheceu. Sentou-se na cadeira, carpindo e balouçando. Agarrava com força a pequena caixa de madeira de pereira com penas que Petruccio lhe tinha dado, não há dois dias, mas há uma eternidade atrás.

— Meu Deus, Cláudia! Estás bem? — Olhou para ela e a raiva explodiu dentro dele. — Será que eles... ?

— Não... Estou bem. Foram um bocado duros comigo porque pensaram que eu podia dizer-lhes onde estavas. Mas a Mãe... Oh, Ezio, levaram o Pai, Federico e Petruccio para o Palazzo Vecchio!

— A vossa Mãe está em estado de choque, — disse Annetta. — Quando ela lhes resistiu, eles... — e quebrou. — *Bastardi!*

Ezio pensou rapidamente. — Aqui não estão seguras. Haverá algum sítio para onde possas levá-las, Annetta?

— Sim, sim... para casa da minha irmã. Lá ficarão seguras.

Annetta mal conseguiu articular aquelas palavras, devido ao medo e à angústia que lhe abafavam a voz.

— Temos que nos pôr a mexer rapidamente. Certamente que os guar-

das irão regressar por minha causa. Claudia, Mãe... não há tempo a perder. Não levem nada convosco, fujam já com a Annetta. Agora! Claudia, deixa a Mamma apoiar-se em ti.

Escoltou-as para fora da casa atacada, ainda em choque ele próprio, e ajudou-as durante o caminho, antes de as deixar nas mãos capazes da leal Annetta, que entretanto começara a recuperar a sua compostura. A mente de Ezio disparava devido a todas as implicações, com o seu mundo abalado pela terrível sucessão de acontecimentos. Tentou desesperadamente avaliar tudo o que acontecera, e o que deveria fazer a partir de agora, o que deveria fazer para salvar o pai e os irmãos... Soube logo que deveria descobrir alguma maneira de ver o pai, para descobrir o que desencadeara aquele ataque, aquele ultraje à sua família. Mas, o Palazzo Vecchio! Com certeza que tinham posto os seus parentes nas duas pequenas celas da torre. Talvez pudesse haver uma hipótese... Mas o palácio era fortificado como a torre de menagem de um castelo; e teria seguramente uma guarda temível lá estacionada, e nesta noite ainda era mais provável que fosse assim.

Obrigando-se a permanecer calmo e a pensar claramente, esgueirou-se pelas ruas até à Piazza della Signorina, encostado às paredes e olhando para cima. Ardiam tochas nas ameias e no topo da torre, iluminando a flor-de-lis gigante que era o emblema da cidade e o grande relógio na base da torre. Entortando os olhos para ver mais claramente, Ezio pensou que podia distinguir mais acima a luz ténue de um círio, na pequena janela com barras perto do cimo. No lado de fora das grandes portas de dois batentes do palazzo, estavam dois guardas de sentinela, e mais alguns sobre as ameias. Mas no topo da torre não havia nenhum que Ezio conseguisse ver e cujas ameias, de qualquer maneira, estavam acima da janela que pretendia alcançar. Percorreu a orla da Piazza a partir do palazzo e esgueirou-se por uma rua estreita que paria da piazza, ao longo da parede norte do Palazzo. Felizmente ainda passava um considerável número de pessoas, passeando e desfrutando dos ares de final de tarde. A Ezio parecia-lhe que tinha começado a existir de repente num outro mundo aparte do deles, que tinha ficado desligado da sociedade onde nadara como um peixe até há apenas quatro escassas horas. Ficou irritado com o pensamento de que a vida prosseguia na sua rotina normal para todas aquelas pessoas, enquanto a sua própria família tinha sido desfeita. Mais uma vez sentiu o coração a ser assoberbado por um fluxo de raiva e medo quase avassaladores. Mas depois orientou a mente firmemente de regresso ao trabalho que tinha em mãos, e um olhar frio como o aço apossou-se-lhe do rosto.

A parede que se elevava diante de si era pura e simplesmente de uma altura vertiginosa, mas estava imersa na escuridão e isso podia constituir uma vantagem para ele. Para além disso, as pedras com as quais o palazzo

fora construído haviam sido talhadas em bruto, por isso existiriam seguramente muitos pontos de apoio tanto para as mãos como para os pés para o ajudar na subida. O problema seriam os eventuais guardas colocados nas ameias a norte, mas ele teria que lidar com isso no momento próprio. Desejou que a maioria estivesse agrupada ao longo da fachada principal do edifício, orientada para oeste.

Depois de inspirar fundo e de olhar em redor (não estava mais ninguém naquela ruela escura) deu um salto, agarrou-se firmemente à parede, assentou os dedos dos pés envoltos nas botas de couro maleável, e começou a escalar.

Assim que chegou às ameias, deixou-se cair de cócoras, com os tendões e a barriga das penas a ressentirem-se da tensão.

Estavam aqui dois guardas, mas tinham as costas voltadas para ele e olhavam para a praça iluminada abaixo deles. Ezio ficou imóvel por um instante, até ter a certeza que qualquer som que tivesse feito não os tinha alertado acerca da sua presença. Mantendo-se agachado, lançou-se na direcção deles e atacou, puxando-os para trás, com uma mão atrás de cada um dos pescoços, usando o peso deles e o elemento de surpresa para os fazer cair sobre as costas. Em menos de um abrir e fechar de olhos, removeu-lhes os elmos e fez as cabeças deles chocarem violentamente uma contra a outra: ficaram inconscientes antes mesmo de poderem esboçar qualquer surpresa nos rostos. Se não tivesse funcionado, Ezio sabia que lhes teria cortado a garganta sem um segundo de hesitação.

Fez uma nova pausa, respirando intensamente. Agora vinha a torre. Era feita de uma pedra cortada com mais suavidade e o caminho era difícil. Ainda por cima, tinha que escalar contornando-a do lado norte para o lado oeste, onde estava situada a janela da cela. Rezou para que ninguém na praça ou nas ameias olhasse para cima. Não lhe agradava nada a ideia de ser derrubado pelo disparo de uma besta depois de ter chegado tão longe.

A esquina onde a parede norte se juntava com a parede oeste era difícil e nada promissora, e Ezio ficou ali parado por um momento, imóvel, procurando um ponto onde agarrar-se que parecia não existir. Olhou para baixo e viu, muito abaixo dele, um guarda nas ameias a olhar para cima. Podia ver-lhe a cara pálida claramente. Podia ver os olhos do homem. Encostou-se o máximo possível conta a parede. Devido à sua indumentária escura, estava tão discreto como uma barata sobre um pano branco de uma mesa. Mas inexplicavelmente o homem baixou o olhar e continuou a patrulha. Será que o vira? Será que não conseguira acreditar no que vira? A garganta de Ezio desatou a palpitar descontroladamente com a tensão. Voltou a respirar novamente apenas quando conseguiu relaxar, após um

longo minuto ter decorrido. Depois de um esforço monumental conseguiu chegar finalmente ao seu objectivo, agradecido pelo estreito parapeito no qual podia apenas pendurar-se para espreitar para dentro da estreita cela para lá da janela. Deus é misericordioso, pensou, quando reconheceu a figura do pai, com as costas voltadas para ele, aparentemente a ler junto á luz ténue de um círio.

— Pai! — Chamou suavemente.

Giovanni girou sobre si. — Ezio! Valha-nos Deus, como é que tu...

— Não interessa, Pai. — Quando Giovanni se aproximou, Ezio pode ver que as mãos dele estavam sangrentas e magoadas e o rosto pálido e retraído. — Meu Deus, Pai, o que foi que te fizeram?

— Levei alguma pancada, mas estou bem. Mais importante: como é que estão a tua mãe e a tua irmã?

— Agora estão em segurança.

— Com Annetta?

— Sim.

— Louvado seja Deus.

— O que é que aconteceu, Pai? Estava à espera disto?

— Não tão depressa como foi. Prenderam Federico e Petruccio também... acho que estão na cela atrás desta. Se Lorenzo tivesse estado aqui, as coisas teriam sido diferentes. Devia ter tomado precauções.

— Do que é que estás a falar?

— Agora não há tempo para isso! — Giovanni quase gritou. — Ouve-me bem: tens que voltar à nossa casa. Existe uma porta secreta no meu escritório. Na câmara que está escondida para além dela, encontra-se um baú escondido. Leva contigo tudo o que encontrares lá dentro. Ouviste bem? Tudo! Muito do seu conteúdo vai parecer-te estranho, mas é tudo importante.

— Sim, Pai. Ezio deslocou o peso ligeiramente, ainda agarrado às barras diante da janela, agarrado à própria vida. Não se atreveu a olhar para baixo e não sabia quanto tempo mais aguentaria sem se mexer.

— Por entre o que lá estiver dentro encontrarás uma carta juntamente com alguns documentos anexos. Tens que os levar de lá sem mais demoras (esta noite!) para *Messer Alberti*

— O Gonfalionere?

— Exactamente. Agora vai!

— Mas, Pai... — Ezio lutou para pôr as palavras cá para fora e desejando fazer algo mais do que transportar documentos, balbuciou, — Os Pazzi estão por detrás disto? Eu li o bilhete trazido pelo pombo. Dizia...

Mas Giovanni enxotou-o. Ezio pôde ouvir a chave a rodar na fechadura da porta da cela.

— Vão levar-me para o interrogatório, — disse Giovanni com ar pensativo. — Foge antes que te descubram. Meu Deus, és um rapaz corajoso. Vais estar à altura do teu destino. Agora, pela última vez: fuge!

Ezio deslocou-se para fora do parapeito e agarrou-se à parede, ao abrigo de eventuais olhares, enquanto ouvia o pai a ser levado. Quase que não conseguiu suportar o que escutou. Depois preparou-se para a descida. Ele sabia que as descidas são sempre piores do que as subidas, mas nas últimas quarenta e oito horas tinha ganhado muita experiência em subir e descer edifícios. E assim desceu da torre, escorregando uma ou outra vez, mas sempre recuperando os apoios, até chegar novamente às ameias, onde os dois guardas ainda estavam no preciso local em que os deixara. Mais um golpe de sorte! Tinha feito aquelas cabeças chocarem com tanta força como lhe fora possível, mas se por acaso tivessem recuperado a consciência enquanto ele estava lá em cima na torre e tivessem dado o alarme... bem, as consequências teriam sido demasiadas para pensar nelas, sequer.

De facto, não havia tempo para pensar em coisas dessas. Debruçou-se sobre as ameias e espreitou lá para baixo. O tempo era essencial. Se ele conseguisse ver alguma coisa lá em baixo que pudesse atenuar-lhe a queda, ele talvez se atrevesse a saltar. Quando os olhos se adaptaram à escuridão, viu, bem abaixo, o toldo de uma venda abandonada amarrado à parede. Será que deveria arriscar. Se resultasse, ganharia alguns minutos preciosos. Se falhasse, uma perna partida seria o menor dos seus problemas. Teria que ter fé nele próprio.

Inspirou fundo e mergulhou na escuridão.

Devido à altura que era, o toldo cedeu sob o seu peso, mas como tinha sido amarrado com firmeza ofereceu a resistência exactamente suficiente para atenuar-lhe a queda. Estava extenuado e teria algumas costelas doridas na manhã seguinte, mas estava cá em baixo! E não despertara nenhum alarme.

Sacudiu-se e apressou-se na direcção do que até há algumas horas tinha sido a sua casa. Quando lá chegou, apercebeu-se que na sua pressa o pai se esquecera de lhe dizer onde encontrar a porta secreta. Giulio saberia, mas onde é que estava Giulio agora?

Felizmente não se encontravam guardas à espreita na vizinhança e ele conseguiu aceder à casa sem problemas. Parara por um minuto no exterior da casa, como que incapaz de irromper pela escuridão da entrada: parecia que a casa tinha mudado e a sua santidade sido profanada. Mais uma vez, Ezio tinha que organizar os pensamentos, sabendo que as suas acções seriam críticas. Agora, a família só podia contar com ele. Avançou para o interior da casa da família atravessando a escuridão. Pouco depois estava no

centro do escritório, iluminado precariamente por uma única vela, e olhou em redor.

O sítio tinha sido posto de pernas para o ar pelos guardas, que pelos vistos tinham confiscado uma quantidade enorme de documentos bancários e o caos geral de estantes caídas, cadeiras viradas, gavetas atiradas para o chão e papéis e livros espalhados por todo o lado não facilitavam a tarefa de Ezio. Mas ele conhecia o escritório, tinha uma vista aguçada e usou a sua esperteza. As paredes eram grossas, qualquer uma podia ter uma câmara escondida, mas decidiu-se pela parede onde a grande lareira estava encastrada e começou aí a busca, no local onde a parede seria mais grossa, para envolver a conduta da chaminé. Segurando a vela junto de si, e olhando com cuidado, enquanto mantinha um ouvido atento para qualquer som que denunciasse o regresso dos guardas, pensou ter distinguido, finalmente, no lado esquerdo do grande parapeito moldado, os contornos quase imperceptíveis de uma porta inscritos no painel. Tinha que haver uma maneira de a abrir nas imediações. Olhou com atenção para os *colossi* esculpidos que seguravam o parapeito de mármore sobre os ombros. O nariz do da esquerda parecia ter-se partido em tempos e ter sido reparado subsequentemente, a julgar pela fissura em torno da base. Tocou no nariz e descobriu que estava ligeiramente solto. Com o coração aos pulos, carregou nele e a porta deslizou para dentro sobre um eixo com dobradiças presas a molas silenciosas, revelando um corredor com chão de pedra que conduzia para o lado direito. Ao entrar, o pé direito pisou numa laje que se mexeu e ao fazê-lo, candeeiros a óleo colocados nas paredes da passagem acenderam-se de repente, ganhando vida. A passagem era curta, descendo ligeiramente e terminava numa câmara circular decorada mais num estilo Sírio do que Italiano. A mente de Ezio viajou até à lembrança de um quadro que estava pendurado no estúdio privado do pai no castelo de Masyaf, em tempos a sede da antiga Ordem dos Assassinos. Mas não tinha tempo para ponderar se aquela curiosa decoração teria ou não algum significado especial. A divisão não tinha mobília e no centro encontrava-se um grande baú com tiras de ferro, selado seguramente com dois pesados cadeados. Olhou em redor de toda a divisão, para ver se haveria uma chave algures, mas para além dos ornamentos, as paredes estavam nuas. Ezio ficou a matutar se deveria regressar ao escritório, ou deslocar-se até ao estúdio do pai e procurar lá por uma e se teria tempo para isso, quando, por puro acaso a mão dele roçou num dos cadeados e com isso, este abriu-se. O outro abriu-se com idêntica facilidade. Será que o pai lhe tinha dado algum poder que desconhecia? Será que os cadeados estavam programados para responder ao toque de certas pessoas? Os mistérios apareciam uns atrás dos outros, mas não havia tempo para meditar neles agora.

Abriu o baú e viu que continha um capuz branco, com ar antigo e feito de um material aparentado com lã, que não conseguiu identificar. Algo o impeliu a colocá-lo e sentiu logo um estranho poder a percorrê-lo. Baixou o capuz, mas não o tirou.

O baú continha uma braçadeira de couro, uma lâmina partida de um punhal, ligada, não a um cabo, mas a um estranho mecanismo, cujo funcionamento o ultrapassava, uma espada, uma página de velino coberta de símbolos e letras que pareciam formar parte de um mapa, e a carta e os documentos que o pai lhe dissera para levar a Uberto Alberti. Pegou em tudo, fechou o baú e regressou ao escritório do pai, fechando cuidadosamente a porta secreta atrás de si. No escritório, encontrou descartada uma bolsa para documentos de Giulio e enfiou lá dentro o conteúdo do baú, colocando a bolsa a tiracolo. Cingiu a espada à cinta. Dirigiu-se cuidadosamente para as portas principais do palazzo, sem saber o que fazer com aquela estranha colecção de objectos e não tendo tempo para pensar acerca de quais seriam os motivos do pai para guardar tais coisas numa câmara secreta. Mas antes de entrar no pátio da entrada, viu dois guardas da cidade a aproximarem-se. Era demasiadamente tarde para se esconder. Tinham-no visto.

— Alto! — Gritou um deles, e começaram ambos a avançar rapidamente na sua direcção. Não havia fuga possível. Ezio constatou que já tinham desembainhado as espadas.

— Estão aqui por que motivo? Para me prenderem?

— Não, — disse o que tinha falado primeiro. — As nossas ordens são para matar-te. — Logo a seguir, o segundo guarda investiu sobre ele.

Ezio desembainhou a própria espada enquanto eles o cercavam. Era uma arma com a qual ele não estava familiarizado, mas que a mão dele sentiu como sendo leve e capaz, com se ele a tivesse usado toda a vida. Parou os primeiros golpes, à direita e à esquerda, como ambos os guardas a acometerem contra ele em simultâneo. Voaram chispas saídas das três espadas, mas Ezio sentiu que a nova lâmina aguentava firme, com um gume afiado e cortante. No preciso momento em que o segundo guarda baixava a espada para decepar o braço de Ezio ao nível do ombro, Ezio esquivou-se para a direita, sob a lâmina que caía. Passou o equilíbrio do pé de trás para o da frente e investiu com a espada em riste. O guarda foi apanhado em desequilíbrio e o braço que segurava a estada percutiu inofensivamente no ombro de Ezio. Ezio usou o próprio balanço para impulsionar a espada num movimento ascendente, trespassando o homem directamente, através do coração. Ainda de pé, Ezio rodou sobre os calcanhares, ergueu o pé esquerdo e empurrou o guarda morto para fora da lâmina, mesmo a tempo para rodopiar e confrontar o companheiro. O Outro guarda avançou com

um rugido, brandindo uma pesada espada. — Prepara-te para morrer *traditore!*

— Eu não sou nenhum traidor, nem o é nenhum membro da minha família.

O guarda acometeu contra ele, rasgando-lhe a manga esquerda e fazendo-o sangrar. Ezio retraiu-se, mas só por um segundo. O guarda avançou contra ele, entrevendo uma vantagem e Ezio deixou-o tentar a estocada mais uma vez e depois, dando um passo atrás, rasteirou-o, fazendo a espada do homem girar até ao pescoço dele enquanto caía, separando-lhe a cabeça dos ombros antes de ele cair no chão. Ezio ficou imóvel a tremer por um momento, mergulhado no silêncio repentino que se seguiu ao recontro, ofegante. Eram os primeiros que ele matava na sua vida. Será que eram mesmo? É que ele estava a sentir outra vida, mais antiga, dentro dele, uma vida que parecia ter anos de experiência em dar a morte.

A sensação assustou-o. Aquela noite vira-o envelhecer bem para além dos anos que tinha, mas essa nova sensação parecia ser o despertar de uma força mais obscura oculta profundamente dentro de si. Era algo mais do que simplesmente os efeitos das experiências pungentes das últimas escasas horas. Enquanto percorria o caminho pelas ruas escuras até à mansão de Alberti, os ombros abateram-se e sobressaltou-se diante de todo e qualquer ruído, olhando para trás de si frequentemente. Finalmente, à beira da exaustão, mas capaz de alguma maneira de se aguentar, chegou a casa do Gonfaloniere. Olhou para a fachada e viu uma luz fraca vinda de uma das janelas da frente. Bateu com força na porta com o botão do punho da espada.

Perante a ausência de uma resposta, nervoso e impaciente, bateu outra vez, com mais força e mais alto. Ainda nada.

Mas à terceira tentativa, uma escotilha na porta abriu-se por um instante, fechando-se a seguir. A porta abriu-se logo depois, e um criado armado e desconfiado deixou-o entrar. Desbobinou ao que vinha e foi conduzido para uma divisão no primeiro andar, onde Alberti estava sentado, diante de uma secretária coberta de papéis. Atrás dele, meio virado e sentado numa cadeira junto de uma lareira a perder força, Ezio julgou poder ver outro homem, alto e poderoso, mas apenas uma parte do perfil era visível, mas pouco claramente.

— Ezio? — Alberti levantou-se, surpreendido. — O que é que estás a fazer aqui a uma hora destas?

— Eu... Eu não...

Alberti aproximou-se dele e pôs-lhe a mão no ombro. — Espera, miúdo. Inspira. Organiza os teus pensamentos.

Ezio anuiu com a cabeça. Agora que se sentia mais seguro, também

se sentia mais vulnerável. Os acontecimentos da tarde e da noite desde que saíra para entregar as cartas de Giovanni, estavam agora a começar a afectá-lo. Podia ver que a meia-noite se aproximava, no relógio de pedestal em latão que estava sobre a secretária. Seria possível que apenas tivessem passado doze horas desde que Ezio, o rapaz tinha ido com a mãe buscar os quadros ao estúdio de um artista? Apesar de tentar controlar-se, sentiu-se muito perto de se desfazer em lágrimas. Mas conseguiu manter a compostura, e foi Ezio, o homem que falou. — O meu pai e os meus irmãos foram presos, não sei sob que autoridade, a minha mãe e a minha irmã estão escondidas e o lar da nossa família foi saqueado. O meu pai incumbiu-me de entregar-lhe esta carta e estes papéis... — Ezio tirou os documentos da bolsa.

— Obrigado. — Alberto pôs um par de óculos e aproximou a carta de Giovanni da luz da vela que ardia sobre a secretária. Não se ouvia nenhum som na divisão para além do tiquetaque do relógio e do ocasional crepitar suave das brasas a desfazerem-se. Se havia outra presença na sala, Ezio tinha-a esquecido.

Alberti prestava agora atenção aos documentos. Demorou algum tempo a analisá-los e por fim colocou um deles no interior do gibão preto que envergava. Poisou os demais cuidadosamente num dos lados, afastados dos outros papéis que se encontravam sobre a secretária.

— Passou-se um terrível mal-entendido, meu querido Ezio, — disse, tirando os óculos. — É verdade que foram lançadas acusações; acusações sérias; e que um julgamento foi marcado para amanhã de manhã. Mas parece que alguém poderá ter sido, talvez por razões pessoais, excessivamente zeloso. Mas não te preocupes. Eu irei esclarecer tudo.

Ezio dificilmente se atreveu a acreditar nele. — Como?

— Os documentos que me deste contém provas de uma conspiração contra o teu pai e contra a cidade. Eu irei apresentar estes papéis na audiência de amanhã e Giovanni e os teus irmãos serão libertados. Garanto-te.

O alívio invadiu o jovem. Apertou a mão do Gonfaloniere. — Como é que posso agradecer-lhe?

— Administrar a justiça é o meu trabalho, Ezio. E levo-o muito a sério e... — hesitou durante uma fração de segundo, —... o teu pai é um dos meus amigos mais queridos. — Alberti sorriu. — Mas onde é que estão as minhas maneiras? Nem sequer te ofereci um copo de vinho. — Fez uma pausa. — E onde é que vais passar a noite? Eu ainda tenho uns assuntos urgentes para tratar, mas os meus criados assegurar-se-ão que tu tenhas comida, bebida e uma cama quente.

Naquela altura, Ezio não soube o motivo por que recusara uma oferta tão generosa.

Já passava bem da meia-noite quando ele deixou a mansão do Gonfaloniere. Puxou o capuz para cima e vagueou pelas ruas, tentando organizar os pensamentos. Agora já sabia para onde o conduziam os seus pés.

Uma vez mais subiu à varanda, com mais facilidade do que ele imaginara ser possível. Talvez a ânsia lhe tivesse conferido força acrescida aos músculos. Bateu com suavidade nas portadas, chamando discretamente, — Cristina! *Amore!* Acorda! Sou eu. — Esperou, silencioso como um gato e pôs-se à escuta. Pode ouvi-la a espreguiçar-se e a levantar-se. E depois a voz dela, assustada, no lado de lá das portadas.

-Quem é?

-Ezio.

Abriu as portadas num ápice. — O que foi? O que é que aconteceu?

— Deixa-me entrar. Por favor!

Sentado na cama dela, contou-lhe a história toda.

— Bem me parecia que algo estava errado, — disse ela. — Esta tarde o meu pai parecia perturbado. Mas, aparentemente, tudo vai ficar bem.

— Preciso que me deixes ficar aqui esta noite... não te preocupes, partirei muito antes do alvorecer... e preciso de deixar algo contigo, para ficar guardado em segurança. Tirou a bolsa que trazia a tiracolo e colocou-a entre eles. — Tenho que confiar em ti.

— Oh, Ezio, e podes mesmo.

Caiu num sono inquieto, nos braços dela.

Era uma manhã cinzenta e nublada, e a cidade parecia oprimida pelo calor sufocante, que estava preso debaixo das nuvens. Ezio chegou à Piazza della Signora e viu, para sua intensa surpresa, que já se acumulava uma densa multidão. Aí, tinha sido erigida uma plataforma e sobre ela estava colocada uma mesa coberta com uma pesada toalha brocada, ostentando as armas da cidade. Atrás dela estavam Uberto Alberti e um homem alto, muito bem constituído, com nariz adunco e olhos cautelosos e calculistas, envergando ricas vestes de cor vermelha. Era um desconhecido, pelo menos Ezio. Mas os demais ocupantes da plataforma chamaram-lhe a atenção: o pai e os irmãos, todos encadeados e logo atrás deles, uma grande construção com uma pesada trave de onde pendiam três laços.

Ezio tinha chegado à piazza com uma disposição de ansioso optimismo: não lhe tinha o Gonfaloniere dito que todo ficaria resolvido neste dia? Agora os sentimentos dele tinham-se alterado. Alguma coisa estava errada... terrivelmente errada. Tentou abrir caminho, mas não conseguiu penetrar no meio da multidão... sentiu que a claustrofobia ameaçava tomar conta dele. Fez uma pausa, tentando desesperadamente acalmar-se e racionalizar os seus actos, puxou o capuz para cobrir melhor a cabeça e ajeitou a espada que levava à cintura. Seguramente que Alberti não o deixaria ficar mal. Mas reparou que durante aquele tempo todo, o homem alto, um Espanhol, a julgar pelas roupas, pelo rosto e pela compleição, perscrutou as massas de gente com os seus olhos penetrantes. Quem era ele? Por que motivo agitava ele algo nas memórias de Ezio? Será que já o tinha visto antes?

O Gonfaloniere, resplandecente nas suas vestes oficiais, ergueu as mãos para acalmar o povo e o silêncio caiu sobre eles instantaneamente.

— Giovanni Auditore, — disse Alberti num tom de comando que não chegou para esconder uma nota de medo, perante o ouvido aguçado de Ezio. — Tu e os teus cúmplices são acusados do crime de traição. Tens algumas provas que contrariem esta acusação?

Giovanni pareceu simultaneamente surpreendido e desconfortável. — Sim, vem tudo nos documentos que te foram entregues na noite passada.

Mas Alberti disse, — Não sei de documentos nenhuns, Auditore.

Ezio viu logo que o julgamento era encenado, mas não conseguiu compreender o que parecia ser uma grande traição por parte de Alberti. Gritou, — É mentira! — Mas a voz dele foi afogada pelo rugido da multidão. Lutou para aproximar-se, empurrado para o lado cidadãos furiosos, mas eram demasiados e ficou preso entre eles.

Alberti falou novamente: — As provas contra ti foram reunidas e examinadas. É irrefutável. Na ausência de provas em contrário, sou compelido pelo meu cargo a considerar-te a ti e aos teus cúmplices, Federico, Petruccio e *in absentia*, o teu filho Ezio, culpados do crime de que são acusados. — Parou enquanto e a multidão silenciou-se uma vez mais. — Condeno-vos portanto a todos à morte e a sentença deverá ser executada imediatamente!

A multidão rugiu novamente. Perante o sinal de Alberti, o carrasco preparou os laços, enquanto dois assistentes arrastaram o pequeno Petruccio, que procurava conter as lágrimas, em primeiro lugar, para o cadafalso. A corda foi colocada em volta do pescoço enquanto ele rezava à pressa e o padre de serviço lhe lançava água benta sobre a cabeça. Depois, o executor puxou uma alavanca montada no cadafalso e o rapaz ficou a baloiçar suspenso, a pontapear o ar até ficar imóvel. — Não! — Exclamou Ezio, mal podendo acreditar no que estava a ver. — Não Deus, por favor, não! — Mas as palavras ficaram entaladas na garganta, com a mágoa a tomar conta dele completamente.

Federico foi o seguinte, gritando a sua inocência e da sua família, lutando em vão para se soltar dos guardas que o arrastavam para o cadafalso. Ezio, agora fora de si, lutando outra vez para avançar, viu uma lágrima solitária a escorrer na face empalidecida do pai. Horrorizado, Ezio ficou a assistir enquanto o irmão mais velho e melhor amigo se contorceu na ponta da corda. Demorou mais tempo a deixar este mundo do que o pequeno Petruccio, mas no fim, também ele ficou imóvel, a oscilar no cadafalso: podia ouvir-se o estalar da trave de madeira no meio do silêncio. Ezio lutou com a sua descrença: será que aquilo estava mesmo a acontecer?

A multidão começou a murmurar, mas depois uma voz firme fê-la cessar. Giovanni Auditore começou a falar. — O traidor és tu, Uberto. Tu, um dos meus associados e amigos mais chegados, a quem confiei a própria vida! E sou um tolo. Não vi que eras um deles! — Nesse momento levantou a voz num grande grito de angústia e de raiva. — Podes tirar as nossas vidas no dia de hoje, mas regista isto: nós teremos a tua em troca!

Baixou a cabeça e calou-se. Seguiu-se um silêncio profundo, interrompido apenas pelas preces do padre, enquanto Giovanni Auditore cami-

nhou com dignidade até ao cadafalso e encomendou a alma para a última grande aventura que protagonizaria.

Primeiramente, Ezio estava demasiado chocado para sentir mágoa. Foi como se um grande punho de ferro tivesse vindo contra ele. Mas quando o alçapão se abriu debaixo de Giovanni, não conseguiu controlar-se. — Pai! — Gritou, com a voz a fugir-lhe.

Instantaneamente, os olhos do Espanhol fixaram-se nele. Teria a visão do homem algo de sobrenatural, para o descobrir num tão curto lapso de tempo? Como que num movimento desacelerado, Ezio viu o Espanhol a inclinar-se na direcção de Alberti, a sussurrar-lhe algo e a apontar.

— Guardas! — Gritou Alberti, apontando também. — Ali! Está ali mais um deles! Apanhem-no!

Antes de a multidão poder reagir e agarrá-lo, Ezio abriu caminho à força até à orla, usando os punhos contra quem lhe barrasse o caminho. Um guarda já estava à espera dele. Apanhou Ezio, puxando-lhe o capuz para trás. Agindo na base de um impulso instintivo que se apossara dele entretanto, Ezio libertou-se e desembainhou a espada com uma mão enquanto segurava o guarda pela garganta com a outra. A reacção de Ezio fora muito mais rápida do que o guarda antecipara e antes que este pudesse levantar os braços para se defender, Ezio apertou com mais força tanto a garganta como a espada e num movimento veloz e perfurante trespassou o guarda, remexendo-a ao removê-la a seguir de maneira que os intestinos do homem saltaram debaixo da túnica e caíram no chão empedrado. Empurrou o corpo para o lado e virou-se para a tribuna, fixando Alberti com o olhar. — Vou matar-te por causa disto! — Gritou, com a voz tensa de ódio e raiva.

Mas aproximavam-se mais guardas. Ezio, com o seu instinto de sobrevivência a assumir o comando, afastou-se deles a toda a velocidade em direcção à relativa segurança das ruas estreitas para lá da praça. Para desalento seu, viu mais dois guardas rápidos na corrida, a precipitarem-se para lhe cortar a fuga. Juntaram-se na orla da praça. Os dois guardas colocaram-se na sua dianteira, bloqueando-lhe a retirada, enquanto os outros se aproximavam pela retaguarda. Ezio lutou contra os dois freneticamente. Então, uma parada mais azarada de um deles arrancou-lhe a espada da mão. Temendo que fosse o fim, Ezio virou-se para fugir dos atacantes, mas antes de tomar balanço, aconteceu algo de espantoso. Vindo da rua estreita para onde planeava fugir, que estava a uns escassos metros de distância, apareceu um homem andrajoso. Com a velocidade de um relâmpago, acometeu contra os dois pelas costas e com um longo punhal, golpeou-lhes profundamente as axilas dos braços que empunhavam as espadas, cortando-lhes os tendões e inutilizando-os. Moveu-se tão depressa que Ezio acompanhou com muita dificuldade os movimentos dele, mas ele apanhou a espada do

jovem, caída no chão e atirou-lha. De repente, Ezio reconheceu-o e sentiu uma vez mais o fedor de cebolas e alho. Naquele instante, nem rosas de damasco poderiam ter cheirado melhor.

— Foge daqui, — disse o homem; e depois também ele se pôs em fuga. Ezio mergulhou pela rua abaixo, e esgueirou-se por entre vielas e ruas que conhecia intimamente das suas incursões nocturnas com Federico. O burburinho e a gritaria atrás de si esmoreceram. Percorreu o caminho até ao rio e encontrou abrigo numa barraca de vigia fora de uso atrás de um dos armazéns que pertenciam ao pai de Cristina.

Naquela hora, Ezio deixou de ser um rapaz e tornou-se um homem. O peso da responsabilidade que sentia agora que carregava, de vingar-se e corrigir aquela maldade hedionda, caiu sobre os seus ombros como um manto pesado. Deixando-se cair sobre uma pilha de sacos velhos, sentiu o corpo todo a começar a tremer. O mundo dele tinha acabado de ser destruído. O pai... Federico... e, Deus, não, o pequeno Petruccio... todos desaparecidos, todos mortos, todos assassinados. Enquanto segurava a cabeça entre as mãos, quebrou de vez, incapaz de controlar a exteriorização da tristeza, medo e ódio. Só depois de várias horas é que foi capaz de destapar a cara, com os olhos vermelhos atravessados por um desejo indómito de vingança. Nesse instante, Ezio soube que a sua anterior tinha acabado: Ezio, o rapaz, tinha desaparecido para sempre. A partir de agora, a vida dele forjar-se-ia com um único propósito: a vingança.

Muito mais tarde nesse dia, sabendo perfeitamente que a vigilância ainda estava no exterior à sua procura sem fraquejar, dirigiu-se por ruelas secundárias até à mansão da família de Cristina. Ele não queria pô-la em perigo, mas precisava de recolher a bolsa com o precioso conteúdo respectivo. Esperou num vão escuro que tresandava a urina, sem se mexer nem mesmo quando ratos lhe passaram sobre os pés, até que uma luz na janela lhe disse que ela se tinha retirado para dormir.

— Ezio! — Gritou quando o viu na varanda. — Estás vivo, graças a Deus. — O rosto dela encheu-se de alívio, mas foi de pouca dura, porque a mágoa apossou-se dela. — O teu pai e os teus irmãos... — Não conseguiu acabar a frase e baixou a cabeça.

Ezio abraçou-a e durante vários minutos ficaram assim, agarrados um ao outro.

Por fim, ela afastou-o. — És doido! O que é que ainda estás a fazer em Florença?

— Ainda tenho assuntos para tratar, — disse com um ar soturno. — Mas não posso ficar aqui por muito mais tempo, porque é um risco dema-

siado grande para a tua família. Se eles descobrissem que tu me dás abrigo...

Cristina estava em silêncio.

— Dá-me a minha bolsa e eu vou-me embora.

Ela foi buscá-la, mas antes de lha devolver disse, — Então e a tua família?

Esse é o meu primeiro encargo. Enterrar os meus mortos. Não consigo vê-los a serem atirados para uma vala comum, como vulgares criminosos.

— Eu sei para onde eles os levaram.

— Como?

— Tem havido falatório na cidade durante todo o dia. Neste momento não deverá estar lá ninguém. Estão junto à porta de San Niccolò, com os corpos de indigentes. Já está uma vala preparada e estão à espera que os coveiros venham de manhã. Oh, Ezio... !

Ezio falou calmamente mas com soturnidade. — Tenho que assegurar-me que o meu pai e os meus irmãos terão uma partida adequada deste mundo. Não posso oferecer-lhes uma missa de Requiem, mas posso poupar-lhes os corpos de sofrerem indignidades.

— Eu vou contigo!

— Não! Não consegues perceber o que poderia significar para ti seres apanhada comigo?

Cristina baixou os olhos.

— Tenho que assegurar-me que a minha mãe e a minha irmã estão seguras e devo à minha família mais uma morte. — Hesitou. — Depois, partirei. Talvez para sempre. A questão é: será que queres vir comigo?

Ela afastou-se, e ele pode ver-lhe uma quantidade de emoções conflituantes nos olhos. O amor estava lá, completo e duradouro, mas ele tornara-se tão mais velho do que ela, desde aquela primeira vez em que caíram nos braços um do outro. Ela ainda era uma rapariga. Como é que ele podia esperar que ela fizesse um sacrifício daquela ordem?

— Eu quero, Ezio, nem sequer sabes quanto, mas a minha família... isso seria o fim dos meus pais...

Ezio olhou para ela com delicadeza. Embora fossem da mesma idade, a experiência recente tornara-o repentinamente muito mais maduro do que ela. Já não tinha família da qual dependesse, apenas responsabilidades e deveres, e isso era difícil. — Fiz mal em perguntar. Mas quem sabe se um dia, talvez, quando tudo isto estiver para trás de nós... — Levou as mãos ao pescoço e retirou de entre os folhos da gola uma pesada medalha de prata, presa num fino fio de ouro. Tirou-o. A medalha tinha um motivo simples: apenas a letra inicial “A” do nome da família. — Quero que fiques com isto. Toma, por favor.

Ela aceitou com as mãos a tremer, chorando baixinho. Olhou para ela, e depois levantou o olhar novamente para lhe agradecer, para arranjar mais uma desculpa.

Mas ele já tinha partido.

Na margem sul do Arno, perto da porta de San Niccolò, Ezio descobriu o sítio medonho onde os corpos estavam dispostos, junto a uma grande vala aberta. Dois guardas com um aspecto que metia dó, recrutados recentemente pelo ar que apresentavam, patrulhavam nas imediações, arrastando as alabardas mais do que carregando-as. A visão daqueles uniformes acicatou a fúria de Ezio, e o primeiro instinto dele foi matá-los, mas já tinha visto mortes suficientes naquele dia, e eles não passavam de rapazes do campo que tinham acabado dentro de uniformes por querer algo melhor para as suas vidas. Quando se deparou com os corpos do pai e dos irmãos jazendo na orla da vala, ainda com os laços em volta dos pescoços esfolados, ficou com o coração apertado, mas pode ver que, uma vez que os guardas adormecessem, como brevemente sem dúvida aconteceria, poderia carregar os corpos até à orla do rio, onde tinha deixado a postos um barco que carregara com arbustos.

Seriam umas três horas da manhã, e a primeira luz ténue da madrugada já estava a clarear o céu a leste quando concluiu a tarefa. Permaneceu solitário na margem do rio, observando o barco que transportava os corpos dos entes queridos, envolto em chamas, a deslizar lentamente sobre a corrente em direcção ao mar. Ficou a ver até a luz do fogo ficar a tremeluzir a uma grande distância...

Regressou à cidade. A dor fora substituída por uma grande determinação. Ainda havia muito para fazer, mas antes tinha de descansar. Regressou à barraca de vigia e instalou-se o mais confortavelmente que conseguiu. Não podia negar-se um pouco de sono, mas mesmo enquanto dormia, Cristina nunca lhe abandonou os pensamentos nem os sonhos.

Ele conhecia a localização aproximada da casa da irmã de Annetta, embora lá nunca tivesse ido, ou sequer conhecido Paula; mas Annetta fora a sua ama-de-leite e ele sabia que se não pudesse confiar em mais ninguém, podia confiar nela. Perguntou-se se ela saberia, como era provável, do destino que caíra sobre o pai e os irmãos, e se assim fosse, se ela teria contado às mãe e à irmã.

Aproximou-se da casa com grandes precauções, usando um caminho indirecto, percorrendo a distância agachado pelos telhados sempre que

pôde, de maneira a evitar as ruas movimentadas mais abaixo, onde, com toda a certeza, Uberto Alberti teria homens seus a procurá-lo. Ezio não conseguia libertar-se do pensamento acerca da traição de Alberti. A que facção se referira o pai no cadafalso? O que poderia ter induzido Alberti a fazer cair a morte sobre um dos seus aliados mais chegados?

Ezio sabia que a casa de Paola estava situada numa rua imediatamente a norte da catedral. Mas quando lá chegou, não conseguiu distinguir qual delas seria. As fachadas dos edifícios tinham escassas placas penduradas com indicações que os identificavam, e ele não podia dar-se ao luxo de ficar por ali descontraidamente se fosse reconhecido. Estava quase a ir-se embora quando reconheceu a própria Annetta, a vir dos lados da Piazza San Lorenzo.

Colocou o capuz de maneira a que lhe fizesse sombra no rosto, e foi ter com ela, obrigando-se a caminhar com uma passada normal, tentando integrar-se o melhor possível entre os demais cidadãos que estavam atarefados a tratar dos seus assuntos. Passou junto da própria Annetta e ficou satisfeito por ela não ter dado nenhum sinal de o ter reconhecido. Uns metros mais à frente, deu meia-volta e começou a caminhar mesmo atrás dela.

— Annetta...

Ela teve a espreiteza de não se virar. — Ezio. Está a salvo.

— Eu não diria isso. A minha mãe e a minha irmã estão... ?

— Estão protegidas. Oh, Ezio, o seu pobre pai. E Federico. E... — soltou um soluço, — o pequeno Petruccio. Acabei de vir de San Lorenzo. Acendi uma vela em honra de Santo António por eles. Dizem que o Duque chegará em breve. Talvez...

— A minha mãe e Cláudia sabem o que aconteceu?

— Achámos melhor não lhes dar essa informação.

Ezio pensou por um instante. — É melhor assim. Serei eu a dizer-lhes quando for o momento oportuno. — Podes levar-me até elas? Não consegui identificar a casa da tua irmã.

— Estou a ir para lá agora. Mantém-te junto a mim e segue-me.

Ele deixou-se ficar um pouco para trás, mas nunca a perdeu de vista.

O estabelecimento onde ela entrou tinha a fachada severa, semelhante a uma fortaleza, idêntica à de muitos dos maiores edifícios Florentinos, mas uma vez no interior, Ezio foi apanhado em contra pé. Aquilo não era exactamente o que ele estava à espera.

Deu por si numa ampla sala de espera ricamente decorada, com um grande pé direito. Estava escuro e o ar pesado. Veludos de vermelhos escuros e castanhos carregados estavam pendurados cobrindo as paredes, intercalados por tapeçarias orientais ilustrando cenas de inequívoco luxo e de prazeres sexuais. A divisão estava iluminada pela luz de velas e um cheiro

a incenso pairava no ar. O mobiliário era constituído principalmente por canapés bem fundos cobertos por caras almofadas de brocado e mesinhas baixas sobre as quais estavam travessas com garrafas de vinho em prata, copos Venezianos, e taças douradas com doçarias. Mas, o mais surpreendente era as pessoas que estavam na sala. Uma dúzia de raparigas belíssimas envergando sedas e cetins amarelos e verdes, com corte à maneira Florentina, mas com as saias subidas até à altura das coxas e profundos decotes que não deixava nada para a imaginação excepto a promessa de onde não se deveria aventurar. Em três das paredes da sala, sob os tecidos pendurados e as tapeçarias, podiam ver-se várias portas.

Ezio olhou em redor, de certa maneira não sabendo para onde olhar. — Tens a certeza de que estamos no sítio certo? — Perguntou a Annetta.

— *Ma certo!* E aqui está a minha irmã para nos cumprimentar.

Uma mulher elegante que deveria ter perto de quarenta anos, mas que parecia dez anos mais nova, tão bonita como qualquer *pricipessa* e melhor vestida do que muitas, vinha na direcção deles, vinda do centro da sala. Sentia-se uma tristeza velada nos olhos dela que acrescia de alguma maneira a carga sexual que transmitia e Ezio, apesar tudo o que tinha na cabeça, deu por si estimulado.

Ela estendeu-lhe a mão de dedos longos e afilados, cheios de anéis. — Conhecê-lo é um prazer, *Messer Auditore*. — Olhou para ele com agrado. — Annetta fala muito bem de si. E agora consigo ver porquê.

Ezio sem conseguir evitar ficar corado, respondeu, — Agradeço essas palavras tão simpáticas, *Madonna*...

— Por favor, chame-me Paola.

Ezio fez uma vénia. — Não conseguirei nunca exprimir-lhe suficientemente a minha gratidão por estender a sua protecção à minha mãe e à minha irmã, *Mado*... quero dizer, Paola.

— Era o mínimo que eu poderia fazer.

— Estão aqui? Posso vê-las?

— Não estão aqui... este lugar não seria apropriado para elas, e alguns dos meus clientes estão muito bem colocados no governo da cidade.

— Então este lugar e peço-lhe desculpa por perguntar, mas é aquilo que eu estou a pensar?

Paola riu-se. — Mas é claro! Mas espero que seja bem diferente daquelas enxovias junto às docas! De facto, ainda é muito cedo para os negócios, mas nós gostamos de estar prontas... há sempre uma possibilidade de aparecer um cliente ocasional no seu caminho para o escritório. O teu sentido de oportunidade é perfeito.

— Onde está a minha mãe? Onde está Claudia?

— Estão a salvo, Ezio, mas é demasiado arriscado levar-te para as ve-

res agora, e não podemos comprometer a segurança delas. — Puxou-o para um sofá e sentou-se com ele.

Annetta, entretanto, desapareceu nos meandros da casa para tratar de assuntos dela.

— Eu acho que era melhor, — continuou Paula, — que abandonasses Florença com elas na primeira oportunidade. Mas devias descansar primeiro. Tens que retemperar as tuas forças, porque tens um caminho longo e árduo à tua frente para ser percorrido.

— Talvez queiras...

— Tu és simpática, Paola, — interrompeu-a com delicadeza, — e as tuas sugestões têm razão de ser. Mas neste momento, eu não posso ficar.

— Porquê? Para onde vais?

Enquanto a conversa fora decorrendo, Ezio acalmara-se cada vez mais, e todos os pensamentos que corriam à solta na cabeça dele encaixaram de repente num estrondo. Por fim achou-se capaz de esconjurar o choque e o medo, porque chegara a uma decisão e descobrira um objectivo, e sabia que eram ambos irrevogáveis. — Eu vou matar Uberto Alberti, — disse.

Paola pareceu preocupada. — Eu compreendo o teu desejo de vingança, mas o Gonfaloniere é um homem poderoso, e tu não és um assassino por natureza, Ezio...

É o destino que me está a tornar num, pensou, mas disse, o mais polidamente que conseguiu, — Poupa-me o sermão, — porque estava absolutamente determinado na sua missão.

Paola ignorou-o e completou a frase: —... mas eu posso transformar-te num.

Ezio tentou conter a desconfiança. — E que motivo terias tu para ensinar-me a matar?

Ela abanou a cabeça, — o propósito de ensinar-te a sobreviver.

— Não estou convencido que precise de qualquer treino teu.

Ela sorriu. — Eu sei como estás a sentir-te, mas por favor, deixa-me aprimorar as qualidades naturais que tu seguramente tens. Encara os meus ensinamentos como uma arma adicional para o teu arsenal.

Ela iniciou o treino dele no mesmo dia, recrutando as raparigas que estavam de folga e criadas de confiança para a ajudarem. No jardim de muros altos situado nas traseiras da casa organizou vinte elementos do seu pessoal em cinco grupos de quatro. Depois começaram a movimentar-se pelo jardim, a entrecruzarem-se, conversando e rindo, com algumas das raparigas a lançarem olhares atrevidos para Ezio, sorrindo. Ezio, que con-

tinuava com a sua preciosa bolsa a tiracolo, revelava-se imune aos avanços delas.

— Agora, — disse-lhe Paola, — a discrição é essencial na minha profissão. Temos que conseguir andar nas ruas livremente, visíveis mas sem sermos vistas. Terás que aprender devidamente a maneira de te confundires como nós, e de te tornares uno com as multidões da cidade. — Ezio estava a ponto de protestar, mas ela segurou-lhe a mão. — Eu sei! Annetta contou-me que não te desenvencilhas nada mal, mas tens mais para aprender ainda do que imaginas. Quero que escolhas um grupo e que tentes diluir-te no seu seio. Eu quero não ser capaz de distinguir-te. Lembra-te do que quase te aconteceu durante a execução.

Aquelas palavras duras picaram Ezio, mas a tarefa não lhe parecia demasiado difícil, desde que fosse discreto. Porém, diante do olhar impiedoso dela, achou mais complicado do que antecipara. Acontecia-lhe muitas vezes dar um encontrão sem querer em alguém, ou tropeçar, originando que as raparigas ou os criados do grupo se afastassem dele, deixando-o exposto. O jardim era um lugar aprazível, solarengo e luxuriante e os pássaros chilreavam nas árvores ornamentais, mas na mente de Ezio, este tornou-se num labirinto de ruas hostis da cidade, com um potencial inimigo em cada transeunte. Mas acabava sempre enredado nas críticas inapeláveis de Paola. — Cuidado! Dizia. — Não podes entrar assim disparado! — — Mostra algum respeito pelas minhas raparigas! — — Caminha com cuidado quando estás ao pé delas! — — Como é que pensas diluir-te no meio das pessoas se estás sempre a dar-lhes encontrões? — — Oh, Ezio, esperava mais de ti!

Mas por fim, no terceiro dia, os comentários mordazes tornaram-se menos frequentes, e na manhã do quarto dia foi capaz de passar debaixo do nariz de Paola sem ela pestanejar sequer. De facto, ao cabo de quinze minutos sem dizer palavra, Paola desistiu: — Pronto, Ezio, desisto! Onde estás tu?

Satisfeito consigo mesmo, emergiu de entre um grupo de raparigas, como sendo o modelo acabado de um dos criados da casa. Paola sorriu e bateu palmas, e os demais juntaram-se-lhe no aplauso.

Mas o trabalho não terminava ali.

— Agora que aprendeste a diluir-te numa multidão, — Disse-lhe Paola na manhã seguinte, — Vou mostrar-te como se usa a tua competência recém-descoberta... para roubar.

Ezio começou por rejeitar a ideia, mas Paola explicou-se, — é uma competência essencial para a tua sobrevivência, que podes vir a necessitar ao longo da tua caminhada. Um homem não é nada sem dinheiro, e podes nem sempre conseguir estar numa posição de o ganhar honestamente. Eu sei que nunca tirarias nada a ninguém que não pudesse permitir-se

perdê-lo, nem a um amigo, também. Pensa nisto mais como uma lâmina de um canivete que raramente usas, mas que é bom saber que tens contigo.

A aprendizagem de como roubar bolsas foi muito mais difícil. Ele até se insinuava junto das raparigas com razoável sucesso, mas mal a mão dele se fechava sobre a bolsa que levavam à cintura, elas gritavam — *Al ladro!* — E fugiam dele. Quando conseguiu tirar pela primeira vez algumas moedas com sucesso, ficou onde estava por um instante, triunfante, mas depois sentiu uma mão pesada sobre o ombro. — *Ti arresto!* — Disse o criado que estava a desempenhar o papel de vigilante da cidade, com um sorriso trocista. Mas Paola não sorriu. — Assim que acabares de roubar alguém, Ezio, — disse, — não deves deixar-te ficar.

Agora já estava a aprender mais depressa, e estava a começar a apreciar a necessidade de adquirir as competências que estavam a ser-lhe ensinadas para cumprir a missão com sucesso. Depois de ele conseguir surripiar dez raparigas, cinco das quais sem a própria Paola sequer se aperceber, ela anunciou que os ensinamentos tinham chegado ao fim.

— Voltem ao trabalho, raparigas, — disse. — Acabou-se o recreio.

— Tem mesmo que ser? — Murmuraram as raparigas com relutância enquanto se despediam de Ezio. — Ele é tão querido, tão inocente... — Mas Paola foi inflexível.

Caminhou a sós com ele pelo jardim. Como sempre, ele mantinha a mão na bolsa. — Agora que aprendeste a aproximar-te do inimigo, — disse, — temos que descobrir-te uma arma apropriada... algo bem mais subtil do que uma espada.

— Pois bem, então o que é que queres que eu use?

— Ora, tu já tens a resposta! — E exibiu a lâmina partida juntamente com a braçadeira que Ezio tinha tirado do baú do pai, e que ele pensava que ainda se encontravam acondicionadas em segurança na bolsa. Chocado, abriu-a e remexeu-a. Tinham de facto desaparecido.

— Paola! Com que diabo...

Paola riu-se. — é que eu consegui sacá-los? Usando as mesmas competências que acabei de ensinar-te. Mas ainda tenho mais uma liçãozinha para ti. Agora que sabes roubar uma bolsa com sucesso, tens também que aprender a estar atento em relação a pessoas com a mesma competência!

Ezio olhou pesaroso para a lâmina partida que ela lhe devolveu juntamente com a braçadeira. — Existe uma espécie de mecanismo que lhes está associado. Mas nada disto está propriamente em condições de funcionar. — Disse ele.

Ah, — disse ela. — É bem verdade. Mas eu acho que tu já conheces *Messer Leonardo?*

— Da Vinci? Sim conheci-o há pouco tempo... — E calou-se, forçan-

do-se para não ter que ficar preso àquela memória dolorosa. — Mas como é que um pintor me pode ajudar com isto?

— Ele é muito mais do que apenas um pintor. Leva-lhe as peças. Vais ver.

Ezio, apercebendo-se de como o que ela dizia fazia sentido, anuiu com a cabeça em concordância e depois disse, — Antes de partir, posso fazer-te uma última pergunta?

— Claro.

— Porque é que foste tão rápida a conceder-me esta ajuda toda a mim... um estranho?

Paola concedeu-lhe um sorriso triste. À maneira de uma resposta, ela enrolou uma das mangas do vestido, revelando um antebraço pálido e delicado... cuja beleza estava estragada por cicatrizes negras, compridas e feias que se entrecruzavam. Ezio olhou e ficou a saber. Num dado momento da vida, aquela senhora tinha sido torturada.

— Eu também já conheci a traição! — Disse Paola.

E Ezio reconheceu sem hesitar que tinha encontrado uma alma gémea.

As movimentadas ruas secundárias onde se encontrava a oficina de Leonardo não distavam muito da luxuriosa Casa de Prazer de Paola, mas Ezio teve que atravessar a ampla e concorrida Piazza del Duomo, e foi aí que descobriu a especial utilidade das recém-adquiridas competências para se diluir na multidão. Já tinham decorrido uns bons dez dias sobre a data das execuções e era muito provável que Alberti imaginasse que Ezio tivesse fugido de Florença há muito tempo atrás, mas Ezio não pretendia correr nenhum risco, e Alberti também não, a julgar pelo número de guardas colocados no interior e em redor da praça. Seguramente que existiriam também agentes trajados à civil. Ezio manteve a cabeça bem baixa, especialmente quando passou entre a catedral e o Batistério, onde a confusão era maior. Passou junto ao campanário de Giotto, que dominava a cidade desde há mais de cento e cinquenta anos e junto à grande massa vermelha que era o domo da catedral de Brunelleschi, concluída apenas há quinze anos atrás, sem as ver, embora se tenha apercebido dos grupos de turistas Franceses e Espanhóis olhando para cima, com desassombrado espanto e admiração e uma pequena erupção de orgulho pela sua cidade inchou-lhe o coração. Mas será ainda aquela a sua cidade verdadeiramente?

Afastando os pensamentos mais sombrios, prosseguiu caminho rapidamente desde o lado sul da piazza até à oficina de Leonardo. Disseram-lhe que o mestre estava em casa, no pátio das traseiras. O estúdio estava, se +e que isso era possível, envolto num caos maior do que nunca, embora ainda se pudesse divisar algum método rudimentar no meio daquela loucura. Os artefactos nos quais Ezio tinha reparado durante a visita anterior tinham sido integrados, e no teto pendia uma estranha engenhoca de madeira, que se parecia com o esqueleto limpo de um morcego. Numa dos cavaletes, um grande pergaminho pregado numa tábua ostentava um desenho gigantesco e impossivelmente intrincado de nós e no canto umas garatujas indecifráveis saídas da mão de Leonardo. Agniolo estava acompanhado por outro

assistente, Innocento, e estavam os dois a tentar impor alguma ordem no estúdio, catalogando as coisas de maneira a não lhes perder o rasto.

— Está no pátio traseiro, — Disse Agniolo a Ezio. — Pode passar à vontade. Ele não vai importar-se com isso.

Ezio encontrou Leonardo empenhado numa actividade curiosa. Em toda a cidade de Florença era fácil comprar aves canoras em gaiolas. As pessoas penduravam-nas nas janelas para deleite próprio, e quando os pássaros morriam, eram substituídos sem mais. Leonardo estava rodeado por uma dúzia dessas gaiolas e, com Ezio a ver, escolheu uma delas, abriu a portinhola de verga, ergueu-a e observou o pintarroxo (neste caso) a descobrir a saída, a esforçar-se para passar pela abertura, e partir a voar em liberdade. Leonardo observou a partida dele com muita atenção e já se preparava para agarrar noutra gaiola quando deu pela presença de Ezio de pé junto a si.

Esboçou um sorriso amplo e caloroso ao vê-lo, e abraçou-o. Depois o rosto assumiu uma expressão grave. — Ezio! Meu amigo. Não esperava ver-te aqui depois do que passaste. Mas sê bem-vindo, sê bem-vindo. Espera só um instante aqui comigo. Isto não demora nada.

Ezio ficou a vê-lo libertar diversos tordos, piscos, cotovias e bem mais caros rouxinóis, uns atrás dos outros, observando cada um deles muito cuidadosamente.

— O que é que está a fazer? — Perguntou Ezio, admirado.

— Todas as vidas são preciosas, — respondeu simplesmente Leonardo. — Eu não consigo suportar ver criaturas minhas semelhantes aprisionadas desta maneira só porque têm vozes bonitas.

— E esse é o único motivo eu tem para os libertar? — Ezio suspeitava que haveria outro.

Leonardo fez um sorriso comprometido, mas não deu uma resposta direta. — E também vou deixar de comer carne. Porque é que um pobre animal deveria morrer só porque nos sabe bem?

— Se assim fosse deixava de haver trabalho para os camponeses.

— Podiam todos plantar milho.

— Imagine como isso seria aborrecido. E de qualquer maneira originaria uma excessiva abundância.

— Ah, estava a esquecer-me que és um *finanziatore*. E eu estou a esquecer-me das minhas maneiras. O que é que te trás por cá?

— Preciso de um favor, Leonardo.

— Em que é que posso ser útil?

— Tenho uma coisa que... herdei do meu pai que gostaria que reparasse, se pudesse.

Os olhos de Leonardo iluminaram-se. — É claro. Vem comigo. Usemos a minha câmara mais recatada... os rapazes estão a amontoar tudo no

estúdio, como é habitual. Por vezes pergunto-me porque é que me dei ao trabalho de os contratar!

Ezio sorriu. Estava a começar a ver porquê, mas sentiu ao mesmo tempo que o primeiro amor de Leonardo era e seria sempre o seu trabalho.

— Segue-me.

A câmara mais recatada de Leonardo estava ainda menos limpa do que o estúdio, mas por entre o amontoado de livros e espécimes, e de papéis cobertos de gatafunhos indecifráveis, o artista, como sempre, (e incongruentemente) impecavelmente vestido e perfumado empilhou algumas coisas com cuidado sobre outras coisas até arranjar espaço suficiente numa grande mesa de desenho.

— Perdoa-me a confusão, — disse, — Mas, finalmente, temos um oásis! Vejamos o que tens aí para mim. A não ser que queiras primeiro beber um copo de vinho?

— Não, não.

— Ótimo, — disse Leonardo. — Vejamos o que nos trazes, então!

Ezio extraiu cuidadosamente a lâmina, a braçadeira e o mecanismo que tinha embrulhado previamente na página de velino que os acompanhava. Leonardo tentou em vão montar as peças da maquinaria novamente, mas fracassou, e por um instante pareceu desesperar

— Não sei Ezio, — disse, — Este mecanismo é antigo... muito antigo... mas simultaneamente também é muito sofisticado e a concepção é muito avançada, eu diria, mesmo até para o nosso tempo. Fascinante. — Levantou os olhos. — Tenho a certeza de que nunca tinha visto nada assim. Mas temo bem que não possa fazer grande coisa sem os planos originais.

Mas nesse instante virou a atenção para a página de velino, que tinha agarrado para embrulhar nela as peças de Ezio novamente. — Espera só um segundo! — Exclamou, debruçando-se sobre ela. Depois colocou a lâmina e a braçadeira para um lado, estendeu a folha e tomando-a como referência, começou a remexer numa fileira de livros velhos e manuscritos de uma estante próxima. Descobriu dois que lhe interessavam, poisou-os sobre a mesa e começou a virar-lhes as páginas cuidadosamente.

— O que é que está a fazer? — Perguntou Ezio, ligeiramente impaciente.

— Isto é muito interessante, — disse Leonardo. — Parece mesmo uma página de um Códice.

— De um quê?

— É uma página de um livro antigo. Não está impressa, está manuscrita. É de facto muito antiga. Não tens mais nenhuma destas?

— Não.

— É pena. As pessoas não deviam arrancar páginas dos livros desta maneira. — Leonardo fez uma pausa. — A não ser, talvez, que tudo junto...

— O quê?

— Nada. Olha, o conteúdo desta página está encriptado; mas se a minha teoria estiver correcta... baseando-me nestes esquemas pode muito bem ser que...

Ezio esperou, mas Leonardo perdeu-se num mundo só seu. Pegou numa cadeira e aguardou pacientemente enquanto Leonardo vasculhou e pesquisou uma série de livros e pergaminhos, cruzando referências e tomando notas, tudo naquela caligrafia esquerdina de imagem no espelho que usava. Ezio supôs que não era o único a viver a vida com um olho a olhá-lo pelas costas. Pelo pouco que pudera ver acerca do que se passava no estúdio, se a igreja tivesse um sopro de conhecimento acerca de algumas das coisas que Leonardo andava a fazer, não duvidava que o amigo se habilitava a um daqueles saltos bem grandes.

Por fim, Leonardo levantou o olhar. Mas nessa altura, Ezio estava já a começar a passar pelas brasas. — Espantoso, — murmurou Leonardo para si próprio, e depois, mais alto, — Espantoso! Se transpusermos as letras e seleccionarmos todas as terceiras...

Deitou mãos à obra, puxando a lâmina, a braçadeira e o mecanismo para junto de si. Retirou uma caixa de ferramentas que estava debaixo da mesa, montou um torno, e deixou-se absorver tranquilamente pelo trabalho. Passou uma hora, duas... E nessa altura Ezio já dormia pacificamente, embalado pelo ar quente e abafado do quarto e pelos sons suaves das batidas e raspadelas que Leonardo produzia enquanto trabalhava. Até que por fim...

— Ezio! Acorda!

— Ahn?

— Olha! — E Leonardo apontou para cima da mesa. A lâmina de punhal, completamente restaurada, tinha sido encaixada no estranho mecanismo, que por sua vez tinha sido fixado à braçadeira. Estava tudo polido e tinha o ar de ter sido acabado de fabricar, mas nada brilhava. — Decidi dar-lhe um acabamento mate, — disse Leonardo. — Como as armaduras Romanas. Tudo o que brilha reflecte a luz do sol, e isso pode constituir uma mortífera chamada de atenções indesejadas.

Ezio pegou na arma e sopesou-a nas mãos. Era leve, mas a forte lâmina estava perfeitamente bem equilibrada e integrada. Ezio nunca tinha visto nada assim. Um punhal activado por uma mola que podia dissimular ao nível do pulso. Tudo o que tinha de fazer era flectir a mão e a lâmina saltava para fora graças à mola, pronta para cortar ou para espetar conforme fosse o desejo do utilizador.

— Pensei que era um homem de paz, — disse Ezio, lembrando-se dos pássaros.

— As ideias têm precedência, — disse Leonardo decidido. — O que quer que possam ser, nos tempos que correm. Agora, — acrescentou, pegando num martelo e num cinzel que retirou da caixa de ferramentas. — És destro não és? Ótimo. Então põe, por gentileza, o teu dedo anelar direito sobre este bloco.

— O que é que estás a fazer?

— Lamento, mas é mesmo assim que isto tem que ser feito. A lâmina está desenhada para assegurar um desempenho total de quem a usar.

— O que é que quer dizer com isso?

— Que só funciona se removermos esse dedo.

Ezio pestanejou. A mente disparou numa série de imagens: lembrou-se da suposta amizade de Alberti para com seu pai, de como Alberti o sossegara mais tarde, depois de o pai ter sido preso, das execuções, da sua própria perseguição. Cerrou os dentes. — Avance.

— Talvez devêssemos usar um cutelo. Assim o corte fica mais limpo.

— Leonardo tirou um da gaveta da mesa. — Agora... põe o dedo... *così*.

Ezio contraiu-se completamente quando Leonardo levantou o cutelo. Fechou os olhos quando o ouviu a cair... *zás!*... sobre o bloco de madeira. Mas não sentiu qualquer dor. Abriu os olhos. O cutelo estava cravado no bloco, a centímetros da mão, que estava intacta.

— Seu bandido! — Ezio estava chocado e furioso devido à falta de gosto daquela partida.

Leonardo levantou ambas as mãos. — Acalma-te! Foi só uma graça! Cruel, admito, mas eu simplesmente não consegui resistir. Quis ver até que ponto estavas determinado. É que originalmente, a máquina exigia mesmo esse sacrifício. Algo relacionado com uma antiga cerimónia de iniciação, penso eu. Mas eu fiz um ou dois ajustes. De maneira a poderes continuar com o dedo. Observa! A lâmina salta a uma distância perfeitamente segura para eles e ainda acrescentei um cabo que sai quando a lâmina se estende. A única coisa que tens de fazer é lembrares-te de os manter afastados no instante em que ela salta! De maneira a poderes conservar o dedo. Mas talvez fosse aconselhável envergares luvas quando a usares... a lâmina é afiada.

Ezio estava demasiado fascinado... e agradecido... para ficar zangado muito mais tempo. — Isto é extraordinário, — disse, abrindo e fechando o punhal várias vezes até dominar o seu uso perfeitamente. — Incrível.

— É, não é? — Concordou Leonardo. — Tens a certeza que não tens mais nenhuma páginas como esta?

— Lamento.

— Bem, escuta, se por acaso te cruzares com mais algumas, traz-mas, por favor.

— Tem a minha palavra. E quanto é que eu lhe devo pelo...

— Foi um prazer. Muito instrutivo. Não há nada a...

Foram interrompidos por um martelar na porta exterior do estúdio. Leonardo correu para a porta, enquanto Agniolo e Innocento levantaram o olhar, atarrados. A pessoa do outro lado da porta começara a gritar, — Abram, por ordem da Guarda Florentina!

— Um momento, por favor! — Gritou Lorenzo, mas numa voz mais baixa disse a Ezio, — Fica aqui atrás.

Depois abriu a porta e ficou na entrada, bloqueando o caminho do guarda.

— Leonardo da Vinci, é o senhor? — Perguntou o guarda com uma daquelas vozes altas e agressivas vozes oficiais.

O que é que posso fazer por si? — Disse Leonardo, saindo para a rua, obrigando o guarda a recuar.

— Tenho a incumbência de lhe fazer determinadas perguntas. — Leonardo tinha-se entretanto posicionado de tal maneira que conseguira que o guarda ficasse de costas para a porta do estúdio.

— Então o qual é o problema?

— Tivemos uma denúncia de que acabou de ser visto em conluio com um inimigo reconhecido desta cidade.

— O quê? Eu? Conluido? Isso é absurdo!

— Quando foi a última vez que viu ou falou com Ezio Auditore?

— Com quem?

— Poupe-me aos seus joguinhos tolos. Sabemos que era chegado à família. Vendeu uns quantos dos seus borrões à mãe dele. Talvez precise de lhe refrescar um pouco a memória? — E o guarda agrediu Leonardo no estômago com a ponta do cabo da alabarda. Leonardo caiu no chão dobrado sobre o ventre com um grito agudo de dor, e o guarda pontapeou-o. — Será que agora estamos prontos para falar? Não gosto de artistas. Bando de larilas.

Mas o seu gesto dera a Ezio a oportunidade de sair discretamente pela porta de entrada e de se posicionar atrás dele. A rua estava deserta. A parte de trás suada do pescoço do homem estava exposta. Era uma boa oportunidade como qualquer outra para por à prova o novo brinquedo. Levantou a mão, accionando o mecanismo, e a lâmina silenciosa saltou para fora. Com um movimento hábil da mão direita agora aberta, Ezio apunhalou de lado uma vez o pescoço do guarda. O gume recentemente amolado da lâmina encontrava-se viciosamente afiado, e penetrou com facilidade na jugular do

homem sem encontrar a mínima resistência. O guarda caiu, morto mesmo antes de chegar ao chão.

Ezio ajudou Leonardo a levantar-se.

— Obrigado, — disse o artista, abalado.

— Lamento... eu não queria matá-lo... mas não havia tempo...

— Às vezes não temos alternativa. Mas já devia estar habituado.

— O que é que quer dizer com isso?

— Eu fui implicado no caso Saltarelli.

Então, Ezio lembrou-se. Um jovem modelo de artistas, Jacopo Saltarelli, tinha sido anonimamente denunciado umas semanas antes por praticar a prostituição, e Leonardo, juntamente com mais três pessoas, tinha sido acusado de o patrocinar. O caso caíra por falta de provas, mas sobrara alguma lama sobre os acusados. — Mas aqui os homossexuais não são perseguidos, — disse ele. — Ora; até me lembro bem que os Alemães têm uma alcunha para eles... chamam-lhes *Florenzer*.

— Ainda é oficialmente contra a lei. — Disse Leonardo friamente. — Ainda se pode ser multado. E com homens como Alberti em cargos de responsabilidade...

— Então e em relação ao corpo?

— Oh, — disse Leonardo. — Vem mesmo a calhar. Ajuda-me a arrastá-lo para dentro antes que alguém nos veja. Vou colocá-lo ao pé dos outros.

— Vem mesmo a calhar? Outros?

— A cave é bastante fria. Aguentam-se durante uma semana. Eu consigo de vez em quando obter do hospital um ou dois cadáveres que mais ninguém quer. Nada de oficial, é claro. Mas eu abro-os, exploro um pouco... ajuda-me na minha investigação.

Ezio olhou para o amigo com algo mais do que curiosidade.

— O quê?

— Pensei que te tinha contado... eu gosto de descobrir como é que as coisas funcionam.

Arrastaram o corpo para fora de vista, e os dois assistentes de Leonardo carregaram-no por uma porta, desceram uns degraus de pedra e desapareceram.

— Mas e se mandarem alguém atrás dele... para descobrir o que lhe aconteceu?

Leonardo encolheu os ombros. — Negarei qualquer conhecimento. — Piscou o olho. — Eu não estou propriamente desprovido de amigos poderosos, Ezio. —

Ezio ficou perplexo. Disse, — Bem, parece que está confiante quanto basta...

- Só te peço que não comentes o incidente com mais ninguém.  
— Não comentarei... e obrigado por tudo, Leonardo.  
— Foi um prazer. E não te esqueças... — Um olhar esfaimado tinha-se-lhe apossado dos olhos, —... se encontrares mais páginas deste Códice, vem trazer-mas. Quem sabe que novos desenhos e planos poderá conter.  
— Prometo!

Ezio empreendeu o caminho de regresso com um espírito triunfante, embora não se tivesse esquecido de se perder anonimamente na multidão ao cruzar a cidade de retorno para norte.

Paola saudou-o com algum alívio. — Estiveste afastado durante mais tempo do que eu estava à espera.

- Lorenzo gosta de falar.  
— Mas não foi apenas isso que ele fez, espero?  
— Oh, não. Olha! E mostrou-lhe o punhal de pulso, a saltar da manga, fazendo uns floreios extravagantes, com um risinho adolescente.  
— Impressionante.  
— Sim. — Ezio olhou para ele, contemplativo. — Ainda preciso de praticar um bocado mais com isto. Não quero perder nenhum dos meus dedos.

Paola estava com um ar sério. — Bem Ezio, parece que estás a postos. Transmitem-te todas as competências que precisas, Leonardo reparou-te a arma. — Inspirou profundamente. — Já só falta cumprires a tua missão.

— Sim, — disse Ezio tranquilamente, com a expressão a sobrecarregar-se-lhe novamente. — A questão agora é descobrir a melhor maneira de ganhar acesso a *Messer Alberti*. —

Paola parecia pensativa. — O Duke Lorenzo já regressou até nós. Não está satisfeito com as execuções que Alberti autorizou na sua ausência, mas não tem poder suficiente para desafiar o Gonfaloniere. No entanto, irá ter lugar a cerimónia de inauguração da obra mais recente do Maestro Verrocchio, no claustro de Santa Croce, amanhã à noite. Toda a sociedade Florentina estará presente, incluindo Alberti. — Ela olhou para ele. — Eu acho que também devias ir.

Ezio averiguou que a peça de escultura que ia ser descerrada era a estátua de bronze de David, o herói bíblico ao qual Florença se associava, posicionada como estava entre dois Golias gémeos, o de Roma a sul e o dos reis de França sedentos de território a norte. Tinha sido encomendada pela família Medici e a instalação estava destinada para o Palazzo Vecchio. O Maestro tinha começado a trabalhar três ou quatro anos antes, e corria

um rumor de que a cabeça tinha sido inspirada num dos aprendizes mais belos da altura... um certo Leonardo da Vinci. Sob qualquer prisma, a excitação era geral, e as pessoas já tremiam a pensar no que iriam vestir para a ocasião.

Ezio tinha outros assuntos para ponderar.

— Toma conta da minha mãe e da minha irmã enquanto eu cá não estiver, — pediu a Paola.

— Como se fossem minhas.

— E se alguma coisa me acontecer...

— Tem fé, e não acontecerá nada.

Na tarde seguinte, Ezio deslocou-se até Santa Croce atempadamente. Empregara as horas precedentes preparando-se e aperfeiçoando as suas competências com a nova arma, até se dar por satisfeito totalmente, por ter-se tornado absolutamente eficaz no seu uso. Os seus pensamentos estavam com as mortes do pai e dos irmãos e o tom cruel da voz de Alberti ao decretar as sentenças ainda soava demasiado claramente na sua mente.

Quando se aproximou, viu duas figuras que reconheceu a caminharem à sua frente, ligeiramente afastadas de uma pequena companhia de guarda-costas, cujo uniforme estava identificado por um distintivo com cinco bolas vermelhas num fundo amarelo. Pareciam estar a discutir e ele apressou-se a posicionar-se a uma distância suficiente para que o ouvido pudesse alcançar-lhes a conversa. Pararam diante do pórtico da igreja e ele ficou a pairar nas cercanias, invisível, a ouvir. Os homens dirigiam-se um ao outro em tom sussurrante. Um deles era Uberto Alberti; o outro, um jovem cavalheiro magro nos meados ou finais dos seus vinte, com um nariz proeminente e um rosto determinado estava ricamente vestido, com boné vermelho e uma capa da mesma cor, sobre a qual envergava uma túnica cinzenta prateada. Duque Lorenzo... *Il Magnifico*, com lhe chamavam os súbditos, para desgosto dos Pazzi e da sua fação.

— Não pode cobrar-me nada por causa disso, — dizia Alberti. — Agi de acordo com informações recebidas e provas irrefutáveis... Agi dentro da lei e no âmbito das minhas competências!

— Não! Extravasou os limites das suas competências, Gonfaloniere, e aproveitou-se da minha ausência de Florença para o fazer. Estou mais do que desagradado.

— Quem é o senhor para falar de limites? — Tomou o poder nesta cidade e fez-se Duque a si mesmo sem o consentimento formal, nem da Signoria, nem de mais ninguém.

— Eu não fiz nada disso!

Alberti permitiu-se soltar um riso sardónico. — É claro que não seria de esperar que dissesse outra coisa! Faz sempre de inocente! Que atitude

tão conveniente para si. Em Carregi, rodeou-se de homens que a maioria de nós considera serem perigosos livres-pensadores... Ficino, Mirandola, e esse canalha Poliziano! Mas agora, ao menos, tivemos a oportunidade de ver até onde o vai seu alcance realmente... ou seja, para lado nenhum, em termos práticos. Isso constituiu uma lição valiosa para mim e para os meus aliados.

— Sim. Para os seus aliados os Pazzi. Esta história toda é por causa deles, não é verdade?

Alberti observou as unhas dos dedos demoradamente antes de responder. — No seu lugar, teria cuidado com o que dissesse, Duce. Poderia atrair o tipo de atenção errada. — Mas não parecia completamente seguro de si.

— O Gonfaloniere é que deveria ter cuidado com o que diz. E sugiro que transmita esse conselho aos seus associados... Encare isto como um aviso amigável. — Dito isto, Lorenzo escapuliu-se com o guarda-costas na direcção do claustro. Passado um instante, resmungando alguma jura por entre a respiração, Alberto também seguiu caminho. A Ezio quase que lhe pareceu que o homem se estava a amaldiçoar a si próprio.

Os claustros propriamente ditos tinham sido forrados com panos dourados para a ocasião, que reflectiam com deslumbre a luz de centenas de velas. Um grupo de músicos tocava num palanque junto da fonte central, e noutra palanque estava a estátua, uma figura com metade do tamanho natural, de uma beleza requintada. No instante em que Ezio entrou, usando as colunas e as sombras para se dissimular, pôde ver Lorenzo a cumprimentar o artista. Ezio também reconheceu a misteriosa figura encapuzada que também tinha estado presente na plataforma da execução juntamente com Alberti.

A alguma distância, o próprio Alberti estava rodeado de admiradores, membros da nobreza local. Pelo que podia ouvir, Ezio percebeu que estavam a felicitar o Gonfaloniere por ter permitido à cidade ver-se livre do cancro da família Auditore. Não pensara que o pai tivesse tantos inimigos, bem como amigos, na cidade, mas apercebeu-se de que eles só se atreveram a movimentar-se contra ele e contra o seu principal aliado, Lorenzo, quando este se encontrava ausente. Ezio sorriu, quando uma senhora da nobreza disse a Alberti que esperava que o Duque apreciasse a sua integridade. Ficou claro que Alberti não gostou nem um pouco daquela sugestão. Depois ouviu ainda mais.

— E em relação àquele outro filho? — Perguntou um nobre. — Ezio, não era? Fugiu de vez?

Alberti conseguiu esboçar um sorriso. — O rapaz não constitui qualquer perigo. Mãos moles e cabeça ainda mais mole. Será apanhado e executado ainda antes da semana terminar.

Os acompanhantes em redor riram-se.

— Então... o que é que o espera agora, Uberto? — Perguntou outro homem. — A cadeira da Signoria, talvez?

Alberti abriu as mãos. — Será conforme os desejos de Deus. O meu único interesse é continuar a servir Florença, com fidelidade e diligência.

— Bem, seja qual for a sua escolha, sabe que tem o nosso apoio.

— Isso é muito gratificante. Veremos o que o futuro nos trará. — Alberto irradiou um sorriso, mas com modéstia. — Agora, meus amigos, sugiro que deixemos a política de lado e nos entreguemos à apreciação desta sublime obra de arte, tão generosamente doada pelo nobre Medici.

Ezio esperou até os acompanhantes de Alberti se afastarem na direcção do *David*. Por seu turno, Alberti pegou num cálice de vinho e ficou a observar o ambiente, com um misto de satisfação e preocupação nos olhos. Ezio soube que estava ali a sua oportunidade. Todos os demais olhares estavam postos na estátua, junto à qual Verrocchio ia tropeçando num curto discurso. Ezio esgueirou-se para junto de Alberti. Esse último elogio deve ter-te ficado atravessado nas goelas, — sibilou Ezio. — Mas assenta-lhe que nem uma luva não ser sincero até ao fim.

Reconhecendo-o, os olhos de Alberti esbugalharam-se de terror. — Tu!

— Sim, Gonfaloniere. É o Ezio. Estou aqui para vingar o assassinato do meu pai... o teu amigo... e os meus irmãos inocentes.

Alberti ouviu o estalido seco de uma mola, um som metálico, e viu a lâmina encostada à garganta.

— Adeus, Gonfaloniere, — disse Ezio friamente.

— Para, — arfou Alberti. — Na minha posição terias feito o mesmo... para protegeres os que amas. Desculpa-me, Ezio... não tive outra escolha.

Ezio debruçou-se sobre ele, ignorando o apelo. Sabia que o homem tinha tido a possibilidade de fazer uma escolha... uma que o honrasse... e tinha sido demasiado fraco para a fazer. — E tu achas que eu não estou a proteger aqueles que eu amo? Qual seria a tua misericórdia para com a minha mãe ou a minha irmã se lhes pudesses deitar a mão? Agora diz-me: onde estão os documentos do meu pai que eu te entreguei? Deves tê-los nalgum local seguro.

— Jamais conseguirás obtê-los. Trago-os sempre comigo! Alberti tentou desenhencilhar-se de Ezio, e ganhou fôlego para gritar pelos guardas, mas Ezio mergulhou-lhe o punhal na garganta e fez com que a lâmina lhe atravessasse a artéria jugular. Incapaz agora de gargarejar sequer, Alberti caiu sobre os joelhos, com as mãos agarrando-se instintivamente ao pescoço numa tentativa vã de estancar o sangue que jorrava numa cascata sobre o relvado. Quando ficou caído de lado, Ezio debruçou-se sobre o homem

num ápice e cortou-lhe a carteira do cinto. Alberti, nas suas imprecações finais, tinha dito a verdade. Os documentos encontravam-se mesmo no seu interior.

Mas agora o silêncio reinava. O discurso de Verrocchio interrompeu-se, e os convidados começaram a virar-se e a olhar, sem perceberem ainda o que se tinha passado. Ezio manteve-se firme e encarou-os.

— Sim! O que estão a ver é mesmo real! O que estão a ver é a vingança! A família Auditore continua viva. Eu ainda estou aqui! Ezio Auditore!

Recuperou o fôlego, enquanto soou em simultâneo a voz de uma mulher, — *Assassino!*

Agora era o caos que reinava. Os guarda-costas de Lorenzo formaram-se rapidamente em seu redor, com as espadas desembainhadas. Os convidados desataram a correr de um lado para o outro, alguns tentaram fugir, os mais corajosos dando pelo menos a impressão de que tentavam apanhar Ezio, embora ninguém se atrevesse a protagonizar uma verdadeira tentativa. Ezio reparou no homem do capuz a escapulir-se nas sombras. Verrocchio estava encostado à estátua para se sentir protegido. Mulheres berravam, homens gritavam e os guardas da cidade fluíam pelos claustros, sem saberem muito bem quem deviam perseguir. Ezio tomou partido disso, subindo para o telhado da colunata do claustro e saltando para o pátio mais adiante, cujo portão aberto dava para a praça diante da igreja, onde uma multidão de curiosos começava já a amontoar-se, atraída pelo som da comoção que vinha do interior.

— O que é que se passa? — Perguntou alguém a Ezio.

— Foi feita justiça, — respondeu, — respondeu Ezio, antes de atravessar a cidade a correr para noroeste, até à segurança da mansão de Paola.

Parou pelo caminho para verificar o conteúdo da bolsa de Alberti. Ao menos as últimas palavras do homem tinham sido verdadeiras. Estava tudo lá. E ainda havia algo mais. Uma carta por entregar escrita pelo punho de Alberti. Talvez fossem informações frescas para Ezio, que quebrou o selo e desdobrou o pergaminho.

Mas era uma nota pessoal de Alberti para a esposa. Enquanto a lia, Ezio pôde ao menos perceber o tipo de forças teriam entrado em jogo para quebrar a integridade de um homem.

*Meu querido amor,*

*Estou a assentar estes pensamentos no papel na esperança de que possa um dia ter a coragem de os partilhar contigo. Mais tarde ou mais cedo, irás sem dúvida ficar a saber que eu traí Giovanni Auditore, denunciei-o como traidor e sentenciei-o à morte. A história julgará este acto*

*como um assunto de política e ganância. Mas debes compreender que não foi o destino que forçou a minha mão e sim o medo.*

*Quando os Medici roubaram tudo o que tínhamos à nossa família, fiquei com medo. Por ti. Pelo nosso filho. Pelo futuro. Qual é a esperança que pode existir neste mundo para um homem sem os meios apropriados? Os outros, ofereceram-me dinheiro, terras e um título em troca pela minha colaboração.*

*E foi assim que acabei por trair o meu amigo mais chegado. Por mais desprezível que tenha sido esse acto, pareceu-me necessário na altura.*

*Mesmo agora, olhando para trás, não vejo outra alternativa...*

Ezio dobrou a carta cuidadosamente e colocou-a outra vez na bolsa. Podia fechá-la novamente e fazer com que fosse entregue. Estava determinado em nunca se vergar perante a maldade.

## 6

— Está feito, — Ezio disse simplesmente a Paula.  
— Ela abraçou-o brevemente, e depois afastou-se. — Eu sei. Estou contente por ver-te a salvo.

— Acho que chegou a altura de deixar Florença.

— Para onde vais?

— O irmão do meu pai, Mario, tem uma propriedade ao pé de Monteriggioni. Iremos para lá.

— Já está uma caçada gigantesca em curso por tua causa, Ezio. Estão a colocar cartazes com o teu retrato dizendo “Procurado” por todo o lado. E os oradores públicos estão a começar a falar contra ti. — Fez uma pausa, pensativa. — Eu vou mandar sair alguns dos meus, para rasgarem tantos cartazes quantos conseguirem, e os oradores podem ser subornados para falarem de outras coisas. — E veio-lhe à ideia mais outro pensamento. — E seria melhor que eu tratasse quanto antes dos papéis de viagem necessários para vocês os três.

Ezio abanou a cabeça, pensado em Alberti. — Que mundo é este em que vivemos, em que aquilo em que acreditamos pode ser tão facilmente manipulado?

— Alberti foi colocado numa posição que ele encarou como sendo impossível, mas contra a qual ele devia ter-se mantido firme. — Suspirou. — A verdade é negociada quotidianamente. É algo a que vais ter de habituar-te, Ezio.

Ele pegou-lhe nas mãos. — Obrigado.

— Florença vai tornar-se num sítio melhor agora, especialmente se o Duque Lorenzo conseguir que seja eleito Gonfaloniere um dos seus homens. Mas não há tempo a perder. A tua mãe e a tua irmã estão aqui. — Virou-se e bateu palmas. — Annetta!

Annetta emergiu vinda das traseiras da casa, trazendo Maria e Claudia consigo. Foi uma reunião emocionada. Ezio constatou que a mãe não

estava ainda recuperada e que permanecia com a caixa de penas do pequeno Petruccio agarrada na mão. Ela correspondeu ao seu abraço, embora algo distante, enquanto Paola olhava para eles com um sorriso triste.

Claudia, por outro lado, agarrou-se a ele. — Ezio! Por onde é que andaste? Paola e Annetta têm sido tão simpáticas, mas não nos deixam ir para casa. E a Mãe ainda não disse palavra desde que... — Ela quebrou, enquanto lutava contra as próprias lágrimas. — Bem, — disse ela, recuperando. — Talvez agora o Pais seja capaz de esclarecer as coisas para nosso bem. Com certeza que foi tudo um terrível mal-entendido, não foi?

Paola olhou para ele. — Talvez este seja o momento, — disse ela devagar. — Elas vão ter que saber a verdade mais tarde ou mais cedo.

O olhar de Claudia deslocou-se de Ezio para Paula e regressou novamente ao primeiro. Maria tinha-se sentado junto a Annetta, que tinha o braço à volta dela. Maria olhava para o vazio, sorrindo vagamente, afagando a caixa de madeira de pereira.

— O que foi Ezio? — Perguntou Claudia, com medo na voz.

— Aconteceu algo.

— O que é que queres dizer?

Ezio estava em silêncio, sem palavras, mas a sua expressão dizia tudo.

— Oh, Deus, não.

— Claudia...

— Diz-me que não é verdade!

Ezio baixou a cabeça.

— Não, não, não, não, não! — Gritou Cláudia,

— Chhh. — Ele tentou acalmá-la. — Fiz tudo o que podia, *piccina*.

Claudia enterrou a cabeça no peito dele e chorou, com soluços longos e profundos, enquanto Ezio deu o seu melhor na tentativa de a consolar. Olhou por cima da cabeça dela para a mãe, mas ela parecia não ter ouvido. Talvez, à sua maneira, já soubesse. Depois do turbilhão que caíra sobre a vida de Ezio, ter que assistir à irmã e à mãe a serem atiradas para as profundezas do desespero quase que chegou para o quebrar de vez. Permaneceu a segurar a irmã nos braços durante o que lhe pareceu uma eternidade... sentindo a responsabilidade do mundo sobre os ombros. Agora competia-lhe a ele tomar conta da família... e tocava-lhe a ele honrar o nome Auditore. O Ezio rapaz deixara de existir... Organizou as suas ideias.

— Escuta, — disse a Claudia, de pois de esta ter sossegado um pouco. — O mais importante agora é afastarmo-nos daqui. Para um sítio seguro, onde tu e a Mamma possam ficar em segurança. Mas para fazermos isso preciso que sejas corajosa. Tens que ser forte por mim, e tomar conta da nossa mãe. Estás a perceber?

Ela escutou-o, clareou a garganta, afastou-se dele um pouco e olhou para ele. — Sim.

— Então, agora temos que fazer os nossos preparativos. Vai e arruma tudo o que precisares, mas não tragas muita coisa contigo... temos que seguir a pé... seria demasiado perigoso organizar uma carruagem. Veste as tuas roupas mais simples... não podemos atrair nenhuma atenção sobre nós. E despacha-te!

Claudia partiu, com a mãe deles e com Annetta.

— Devias tomar banho e mudar de roupa, — disse-lhe Paola. — Irias sentir-te melhor.

Duas horas mais tarde os papéis para a viagem estavam prontos e podiam partir. Ezio verificou cuidadosamente o conteúdo da bolsa pela última vez. Talvez o tio conseguisse explicar-lhe o conteúdo dos documentos que tinha tirado a Alberti, que tinham sido, claramente de uma importância vital para ele. O novo punhal foi preso ao antebraço direito, fora de vista. Apertou o cinto. Claudia conduziu Maria até ao jardim e pôs-se junto à porta do muro, por onde iriam sair, com Annetta, que estava a tentar não chorar.

Ezio virou-se para Paola. — Adeus. E mais uma vez, obrigado por tudo.

Envolveu-o nos braços e beijou-o junto à boca. — Trata de te manteres em segurança, Ezio, e fica atento. Suspeito bem que o caminho que se te depara ainda vai ser bem longo.

Ele fez uma vénia cerimoniosa, depois colocou o capuz e foi ter com a mãe e a irmã e pegou na mala que tinham preparado. Despediram-se de Annetta com um beijo e instantes mais tarde já estavam na rua, caminhando para norte, e Claudia de braço dado com a mãe. Permaneceram em silêncio por uns minutos, e Ezio ponderou acerca da grande responsabilidade que estava agora obrigado a carregar. Rezou para que fosse capaz de estar à altura das circunstâncias, mas era difícil. Teria que permanecer forte, mas iria consegui-lo por causa de Claudia e da pobre mãe, que parecia ter-se fechado completamente dentro de si própria.

Quando Claudia começou a falar, já tinham chegado ao centro da cidade, e ela estava cheia de perguntas. Mas notou, com satisfação que a voz dela estava firme.

— Com é que isto pôde acontecer-nos? — Disse ela.

— Não sei.

— Achas que alguma vez conseguiremos voltar?

— Não sei, Claudia.

Ele abanou a cabeça. Não tinha havido tempo nenhum para tentar qualquer tipo de acordos, e mesmo que tivesse havido, com quem os pode-

riam eles ter feito? Talvez o Duque Lorenzo tivesse sido capaz de os fazer e de os fazer respeitar, mas essa era uma esperança remota.

— Eles tiveram... tiveram um funeral apropriado?

— Sim. Eu... tratei disso pessoalmente. — Atravessavam agora o Arno e Ezio permitiu-se lançar um olhar na direção da foz.

Finalmente, estavam a aproximar-se dos portões a sul da cidade, e Ezio estava grato por terem chegado até tão longe sem serem descobertos, mas aquele era um momento perigoso, porque os portões estavam policiados fortemente. Felizmente, os documentos com nomes falsos que Paola lhes tinha providenciado passaram na inspecção, e os guardas estavam à procura de um jovem solitário e desesperado e não de uma pequena família vestida modestamente.

Viajaram para sul a bom ritmo durante todo esse dia, parando apenas quando já estavam bem longe da cidade, para comprar pão, queijo e vinho numa quinta e descansar por uma hora debaixo da sombra de um carvalho, na orla de um campo de milho. Ezio teve que controlar a impaciência, porque ainda faltavam quase cinquenta quilómetros e tinham que viajar ao ritmo da Mãe. Ela era uma mulher forte no princípio dos seus quarenta, mas o choque brutal que sofrera, tinha-a envelhecido. Ele rezou para que uma vez chegados a casa do Tio Mário, ela recuperasse, embora pudesse ver que qualquer recuperação seria lenta. Ele tinha esperança de que, tirando algum imprevisto, chegariam à propriedade de Mário na tarde do dia seguinte.

Passaram a noite num celeiro abandonado, onde, pelo menos, encontraram palha quente e limpa. Jantaram os restos do almoço e puseram Maria tão confortável quanto foi possível. Ela não se queixou, na realidade parecia completamente alheada do que se passava à sua volta, mas quando Claudia tentou tirar-lhe a caixa de Petruccio da mão, na altura de a levar para a cama, ela protestou violentamente e empurrou a filha, lançando injúrias com se fosse uma peixeira. Tanto o irmão como a irmã ficaram chocados perante a cena.

Mas dormiu sossegada, e na manhã seguinte pareceu retemperada. Lavaram-se num ribeiro, beberam alguma sua água transparente que fez vezes de pequeno-almoço, e prosseguiram a jornada. O dia apresentou-se soalheiro, agradavelmente quente, mas temperado por uma brisa fresca, e progrediram a bom ritmo, cruzando-se com um punhado apenas de carroças pelo caminho, e não vendo mais ninguém, para além dos grupos habituais de lavradores nos campos e pomares enquanto avançavam. Ezio pôde comprar alguma fruta, suficiente, pelo menos, para Claudia e para a mãe, mas ele estava sem fome, de qualquer maneira... estava demasiado nervoso para comer.

Finalmente, pelo meio da tarde, teve o consolo de ver a pequena aldeia murada de Monteriggioni à distância, banhada pelo sol, numa colina. Mario governava efectivamente aquela zona. Mais três ou quatro quilómetros e estariam no seu território. Cheio de esperança, o pequeno grupo acelerou o passo.

— Estamos quase, — disse Ezio a Claudia, com um sorriso.

— *Grazie a Dio*, — respondeu ela, correspondendo.

Tinham começado a ficar descontraídos quando, no final de uma curva da estrada, uma figura familiar, acompanhada por uma dúzia de homens envergando librés, lhes bloquearam o caminho. Um dos guardas trazia um estandarte ostentando o odiado emblema de golfinhos dourados e cruzes em fundo azul.

— Ezio! — Cumprimentou a figura. — *Buon Giorno!* E a tua família... ou pelo menos o que sobrou dela! Que surpresa tão agradável! — Anuiu com a cabeça para os homens, que se espalharam sobre a estrada, com as albardas em riste.

— Vieri!

— O próprio. Assim que libertaram o meu pai, ele ficou mais do que satisfeito por financiar-me esta pequena expedição de caça. Eu fiquei magoado. Afinal, como é que pudeste pensar em deixar Florença sem umas despedidas como deve ser?

Ezio deu um paço em frente, incitando Claudia e a mãe a ficarem atrás dele.

— O que é que pretendes, Vieri? Eu pensei que estavas satisfeito com o que os Pazzi tinham conseguido.

Vieri abriu as mãos. — O que eu quero? Bem, é difícil saber por onde começar. São tantas coisas! Vejamos... Gostaria de ter um Palazzo maior, uma mulher mais bonita, muito mais dinheiro e... que mais? Ah, sim! A tua cabeça! — Desembainhou a espada, fazendo sinal aos homens para permanecerem alerta e avançou ele próprio sobre Ezio.

— Estou surpreendido, Vieri... vais mesmo atacar-me sozinho? Mas, é claro que os teus rapagões estão logo atrás de ti!

— Eu não acho que sejas digno da minha espada, — retorquiou Vieri, embainhando-a novamente. — Acho que vou acabar contigo com os meus punhos. Lamento se isso te perturba, *tesora*, — acrescentou, dirigindo-se para Claudia, — mas não te preocupes... não vou demorar muito, e depois verei o que poderei fazer para consolar-te... e quem sabe, talvez à tua pequena mamma também!

Ezio avançou rapidamente e encostou o punho aos queixos de Vieri e o inimigo, cambaleou, apanhado desprevenido. Mas ao levantar-se, Vieri mandou os homens recuarem e atirou-se contra Ezio com um rugido

furioso, ensaiando golpes atrás de golpes. A ferocidade do ataque foi tal que, embora Ezio parasse os golpes com destreza, não foi capaz de desferir nenhum golpe significativo por seu turno. Os dois homens estavam encaixados um no outro, lutando pelo controlo, cambaleando ocasionalmente, apenas para se acometerem um contra o outro com renovado vigor. Não tardou que Ezio conseguisse usar a fúria de Vieri contra ele: ninguém consegue lutar como deve ser quando está dominado pela raiva. Vieri preparou-se para desferir um grande golpe com a direita; Ezio avançou e o golpe raspou-lhe o ombro inofensivamente, e o balanço de Vieri fez com que o peso o puxasse para a frente descontroladamente. Ezio pregou uma rasteira nos calcanhares do adversário e atirou-o a rebolar pelo pó. Sangrando e derrotado, Vieri rastejou procurando segurança atrás dos guardas e levantou-se sacudindo o pó com as mãos.

— Estou farto disto, — disse, — e gritou para os guardas. — Acabem com ele e com as mulheres também. Eu consigo arranjar muito melhor do que essa girino escanzelado e do que a *carcassa* da mãe dela!

— *Coniglio!* — Gritou Ezio, ofegante, desembainhando a espada, mas os guardas tinham formado um círculo à volta deles, estendendo as albardas. Ele soube que ia passar um mau bocado a lutar contra eles.

O círculo apertou-se. Ezio continuou a agitar a espada em seu redor, tentando manter as mulheres da sua família atrás de si, mas o cenário parecia negro, e o riso desagradável de Vieri era de triunfo.

De repente, ouviu-se um som distinto, como que um assobiar etéreo, e dois dos guardas à esquerda de Ezio desabaram sobre os joelhos e caíram para a frente, deixando cair as armas em simultâneo. Nas costas de cada um estava um punhal de arremesso, enterrado até ao punho e claramente atirado com uma precisão mortífera. O sangue espalhou-se nas suas camisas como flores vermelhas.

Os outros recuaram, alarmados, mas não antes de mais um deles cair para o chão, com uma faca nas costas.

— Que bruxaria é esta? — Exclamou Vieri, com o terror a cortar-lhe a voz, desembainhando a espada e olhando nervosamente em redor.

Respondeu-lhe um riso profundo e explosivo. — Não tem nada a ver com bruxaria, rapaz... e tudo a ver com perícia! — A voz vinha de uma pequena mata perto dali.

— Mostra-te!

Um homem com uma grande barba envergando botas altas e uma armadura ligeira que lhe protegia o peito emergiu do pequeno bosque. Atrás dele apareceram mais uns quantos, equipados da mesma forma. — Que o teu desejo seja cumprido! — Disse, sardónico.

— Mercenários! — Resmungou Vieri, e depois virou-se para os pró-

prios guardas. — Do que é que estão à espera? Matem-nos! Matem-nos a todos!

Mas o homem de elevada estatura avançou, e arrancou a espada a Vieri com uma graça incrível e partiu a lâmina sobre o próprio joelho tão facilmente como se fosse um galho.

— Eu não acho que seja uma ideia muito boa, pequeno Pazzi, embora deva admitir que fazes jus ao nome da tua família.

Vieri não respondeu, mas continuou a incitar os homens. Sem muita vontade, acometeram contra os estranhos, enquanto Vieri, pegando na alabarda de um dos guardas mortos, atacou Ezio, arrancando-lhe a espada da mão para fora do alcance no preciso momento em que este a desembainhava.

— Toma, Ezio, usa esta! Disse o homem de elevada estatura, atirando-lhe outra espada, que voou pelo ar até aterrar sobre a ponta, oscilando cravada no chão a seus pés. Apanhou-a com a velocidade de um relâmpago. Era uma arma pesada e teve que usar ambas as mãos para a manusear, mas conseguiu cortar a haste da alabarda de Vieri. O próprio Vieri, ao ver que os homens dele eram facilmente suplantados pelos *condottieri*, e que mais dois deles já tinham caído, desistiu do ataque e fugiu, gritando injúrias enquanto desaparecia. O homem de grande estatura aproximou-se de Ezio e das mulheres, com um sorriso de orelha a orelha.

— Ainda bem que vim ter convosco, — disse. — E pelos vistos, cheguei mesmo a tempo.

— Quem quer que seja o senhor, tem os meus agradecimentos.

O homem riu-se outra vez, e havia algo de familiar na voz dele.

— Eu conheço-o? — Perguntou Ezio.

— Já passou muito tempo. Mas mesmo assim surpreende-me que não reconheças o teu próprio tio!

— Tio Mario?

— O próprio!

Deu a Ezio um abraço de urso e depois aproximou-se de Maria e Claudia. O desalento preencheu-lhe o rosto quando viu a condição em que Maria estava. — Escuta miúda... — disse a Claudia. — Vou levar Ezio comigo agora para o *castello*, mas vou deixar aqui os meus homens aqui a guardar-vos, e eles dar-vos-ão algo para comerem e beberem. Vou mandar um cavaleiro à frente e ele regressará com uma carruagem para vos transportar durante o caminho que falta. Já caminharam o suficiente para um dia e posso ver que a minha pobre cunhada está...

Fez uma pausa antes de acrescentar delicadamente, — muito cansada.

— Obrigado Tio Mario.

— Então está combinado. Voltaremos a ver-nos muito em breve. —

Virou-se e deu ordens aos homens e depois pôs o braço à volta de Ezio e guiou-o na direcção do castelo, que dominava a pequena aldeia.

— Como é que soube que eu estava a caminho? — Perguntou Ezio.

Mario pareceu um pouco evasivo. — Oh... um amigo em Florença mandou um mensageiro a cavalo à vossa frente. Mas eu já sabia o que tinha acontecido. Eu não tenho força suficiente para marchar sobre Florença, mas agora que Lorenzo regressou, rezemos para que ele consiga manter os Pazzi em cheque. É melhor contares-me agora acerca do destino do meu irmão... e dos meus sobrinhos.

Ezio fez uma pausa. A memória da morte dos parentes ainda lhe assombrava a parte mais negra das suas memórias.

— Eles... Eles foram todos executados por traição... — Fez uma pausa. — Eu escapei-me graças à mais pura das sortes.

— Meu Deus! — Comentou Mario, com o rosto contorcido pela dor. — E sabes porque isso aconteceu?

— Não... mas é algo em que eu espero que o tio me possa ajudar a descobrir as respostas. — E Ezio até lhe contou acerca do baú escondido no palazzo da família e do seu conteúdo, da vingança sobre Alberti e dos documentos que lhe tinha tirado. — O mais importante é uma lista de nomes, — acrescentou, e depois quebro devido ao desgosto. — Não posso acreditar que isto tenha caído sobre nós!

Mario afagou-lhe o braço. — Eu sei algo acerca dos negócios do teu pai, — disse, e Ezio pensou que Mario não mostrara muita surpresa quando ele lhe contou acerca do baú escondido na câmara secreta. — Havemos de tirar um sentido nisto tudo. Mas também temos que certificar-nos a tua mãe e a tua irmã ficam bem enquadradas. O meu castelo não é um grande lugar para receber mulheres de qualquer condição, e soldados como eu nunca assentam verdadeiramente. Mas existe um convento afastado um par de quilómetros onde elas ficarão completamente seguras, e serão bem tratadas. Sem concordares, podemos enviá-las para lá. É que tu e eu temos muito que fazer.

Ezio anuiu. Iria providenciar para que elas se instalassem e persuadir Claudia de que aquela era a melhor solução temporária, porque ele não a estava a ver a querer ficar demasiado tempo numa tal reclusão.

Estavam a aproximar-se da pequena povoação.

— Eu pensei que Monteriggioni era inimiga de Florença. — Disse Ezio.

— Não tanto de Florença e sim dos Pazzi, — disse-lhe o tio. — Mas tu já tens idade suficiente para perceberes acerca das alianças entre cidades-estado, quer sejam grandes ou pequenas. Num ano há amizade, no ano seguinte inimizade; e no outro ainda mais tarde amizade novamente. E assim

parece continuar assim permanentemente, como um jogo louco de xadrez. Mas tu vais gostar disto aqui. As pessoas são honestas e trabalhadoras, e os bens que produzimos são sólidos e resistentes. O padre é bom homem, não bebe demasiado e mete-se na sua vida. E eu a minha, independentemente da dele... eu é que nunca fui um filho muito devoto da Igreja. O melhor de tudo é o vinho,... o melhor Chianti que alguma vez irás provar tem origem nas minhas vinhas. Anda daí, é só mais um bocadinho e chegamos lá.

O castelo de Mario era a antiga sede dos Auditori e tinha sido construído por volta de 1250, embora o local tivesse sido ocupado originalmente por uma construção muito mais antiga. Mario tinha feito melhorias e acrescentos ao edifício, que tinha hoje em dia a aparência mais de um palácio opulento, embora os muros fossem altos, com uns poucos metros de espessura, e bem fortificado. Na sua dianteira, no lugar de um jardim, havia um grande terreno de treino, onde Ezio pôde ver umas duas dúzias de jovens adultos armados envolvidos em vários exercícios para melhorar as técnicas de combate.

— *Casa, dolce casa*, — disse Mario. — Já não vinhas cá desde que eras um rapazinho. Fizeram-se algumas mudanças entretanto. O que é que achas?

— Estou muito bem impressionado, Tio.

O resto do dia foi repleto de actividade. Mario deu uma volta com Ezio para lhe mostrar o castelo, organizou-lhe o alojamento e assegurou-se de que Claudia e Maria tinham sido alojadas em segurança no convento próximo, cuja abadessa era uma velha e querida amiga (e dizia-se, uma amante de tempos antigos) de Mario. Mas na manhã seguinte ele foi convocado bem cedo para o local de trabalho do tio, um sítio com um teto muito alto, com as paredes decoradas com mapas, armadura e mobilada com uma pesada mesa de carvalho e cadeiras.

— Tens que deslocar-te à aldeia num instante, — disse Mario um dia, pouco tempo depois, com um tom de voz de negociante. — Lá, equipa-te como deve ser. Vou mandar um dos meus homens contigo. Regressa para aqui quando tiveres acabado e poderemos então começar.

— Começar o quê, Tio?

Mario pareceu surpreendido. — Pensei que tivesses vindo para aqui para treinar.

— Não, Tio... essa não era a minha intenção. Este foi o primeiro lugar seguro em que consegui pensar quando tivemos que fugir de Florença. Mas a minha intenção é levar a minha mãe e irmã ainda mais para longe.

Mario assumiu um ar grave. — Então e o teu pai? Não achas que ele teria gostado que acabasses o trabalho dele?

— O quê... como banqueiro? O negócio da família acabou... a casa

de Auditore já não existe, a não ser que o Duque Lorenzo tenha conseguido mantê-lo fora das mãos dos Pazzi.

— Não era nisso que eu estava a pensar, — começou Mario, e depois interrompeu-se a si próprio. — Queres dizer que Giovanni nunca te contou?

— Lamento, Tio, mas não faço a mínima ideia do que está a falar.

Mario abanou a cabeça. — Não sei no que é que no teu pai estaria a pensar. Talvez tivesse considerado que o tempo ainda não era o mais apropriado. Mas agora, os acontecimentos ultrapassaram esse género de considerações. — Olhou para Ezio, com o semblante carregado. — Temos que falar, longamente e com dureza. Entrega-me os documentos que tens na bolsa. Tenho que estudá-los, enquanto tu vais à aldeia para te equipares. Aqui está uma lista das coisas que necessitas e o dinheiro para as pagares.

Confuso, Ezio partiu para a aldeia na companhia de um dos sargentos de Mario, um veterano grisalho chamado Orazio, e sob a sua orientação adquiriu no armeiro local um punhal de batalha e uma armadura ligeira. No médico local, comprou ligaduras e um estojo médico básico. Regressou ao castelo encontrando Mario impacientemente à sua espera.

— *Salute*, — disse Ezio. — Já cumpri o que me instruiu para fazer.

— E fizeste-o bem depressa. *Ben fatto!* E agora, iremos ensinar-te a lutar como deve ser.

— Tio, perdoe-me, mas conforme lhe disse, não tenho intenção de ficar.

Mario mordeu o lábio. — Escuta, Ezio, tu mal te conseguiste aguentar sozinho diante de Vieri. Se eu não tivesse aparecido quando apareci... — Mas calou-se. — Pois bem, parte se quiseres, mas pelo menos aprende as competências e conhecimentos que necessitas para te defenderes, senão não durarás nem uma semana na estrada.

Ezio estava calado.

— Se não o fizeres por mim, fá-lo pela tua mãe e pela tua irmã, — pressionou-o Mario.

Ezio equacionou as escolhas que se lhe deparavam, mas teve que admitir que o tio tinha razão. — Então está bem, — disse, — uma vez que foi tão simpático em possibilitar que eu me equipasse devidamente.

Mario iluminou-se e bateu-lhe no ombro. — Grande homem! Vais acabar por ficar-me agradecido para o resto da tua vida!

Nas semanas seguintes, seguiu-se a mais intensiva instrução no uso de armas, mas enquanto aprendia novas competências de combate, Ezio também foi descobrindo mais acerca do passado da família e dos segredos que

o pai não tinha tido tempo para lhe contar. E quando Mario o deixou percorrer toda a biblioteca, ele foi ficando cada vez mais baralhado pelo facto de poder estar à beira de um destino bem mais importante do que ele tinha alguma vez acreditado ser possível.

— Disse-me que o meu pai era mais do que apenas um banqueiro?  
— Perguntou ao tio.

— Muito mais, — respondeu Mario com ar sério. — O teu pai era um assassino altamente treinado.

— Isso não pode ser... o meu pai foi sempre um financeiro, um homem de negócios... como é que podia alguma vez ter sido um assassino?

— Não, Ezio, ele era muito mais do que isso. Nasceu e foi criado para matar. Era um membro de pleno direito da Ordem dos Assassinos. — Mario hesitou. — Eu sei que deves ter descoberto algo mais acerca disto tudo na biblioteca. Temos que falar sobre os documentos que te foram confiados e que tu... graças a Deus!... Tiveste a esperteza de recuperar de Alberti. Essa lista de nomes... não é um catálogo de devedores, sabes. Contém os nomes de todos os responsáveis pelo assassinato do teu pai... e são homens que fazem parte de uma conspiração ainda maior.

Ezio lutou para absorver aquilo tudo: tudo o que julgava saber acerca do pai, da família, parecia agora ser uma meia verdade. Como é que o pai conseguiu esconder-lhe tudo aquilo? Era tão inconcebível, tão estranho. Ezio escolheu as palavras com cuidado... o pai deveria ter as suas razões para tanto secretismo. — Aceito que havia no meu pai do que alguma vez cheguei a conhecer, e perdoe-me por duvidar da sua palavra, mas porquê uma necessidade de segredo tão grande?

Mario esperou um pouco antes de responder. — Estás familiarizado com a Ordem dos Cavaleiros Templários?

— Já ouvi falar deles.

— Foi fundada há muitos séculos atrás, pouco depois das Primeiras Cruzadas, e tornou-se numa força de combate de elite, de guerreiros de Deus... na prática eram monges de armadura. Fizeram um voto de abstinência e um voto de pobreza. Mas os anos passaram, e o seu estatuto mudou. Com o tempo, acabaram por envolver-se na finança internacional, e granjearam mesmo um enorme sucesso ao fazê-lo. Outras Ordens de Cavaleiros, como os Hospitalários e os Teutónicos olhavam para eles com desconfiança, e o poder que tinham começou a ser motivo de preocupação, até para reis. Estabeleceram uma base no sul de França, e planearam formar um estado próprio. Não pagavam impostos, sustentavam um exército próprio e começaram a impô-lo a toda a gente. Finalmente, há cerca de duzentos anos atrás, o Rei Filipe, o Belo atacou-os. Houve uma purga terrível, os Templários foram presos e escorraçados, massacrados e por fim exco-

mungados pelo Papa. Mas não foi possível eliminá-los todos: tinham mil e quinhentos cabidos por toda a Europa. Porém, com os bens e propriedades confiscados, os Templários pareceram desaparecer, e o seu poder pareceu ter-se quebrado.

— O que é que lhes aconteceu?

Mario abanou a cabeça. Evidentemente, tratava-se de uma artimanha para garantir a própria sobrevivência. Entraram na clandestinidade, entesourando as riquezas que tinham salvo, mantendo a organização, e concentraram-se mais do que nunca no seu verdadeiro propósito.

— E qual seria esse propósito?

— Qual é esse propósito, queres tu dizer! — Os olhos de Mario refulgiam. — A sua intenção não é outra senão o domínio do mundo inteiro. E só existe uma organização devotada em barrar-lhes o caminho. A Ordem dos Assassinos, à qual o teu pai... e eu... temos a honra de pertencer.

Ezio necessitou de um momento para digerir tudo aquilo. — E Alberti era um dos Templários?

Mario anuiu solenemente. — Sim. Como também são todos os outros na lista do teu pai.

— E... Vieri?

— Também é, e o pai dele Francesco, e todo o clã dos Pazzi.

Ezio ficou a meditar naquilo. — Isso explica muita coisa... — disse. — Há uma coisa que ainda não te mostrei...

Arregaçou a manga e revelou o punhal secreto.

— Ah, — disse Mario. — Foste sensato em não revelá-lo até teres a certeza que podias confiar completamente até em mim. Eu perguntava-me acerca do que lhe teria acontecido. E estou a ver que o mandaste arranjar. Era do teu pai, e foi lhe dado pelo nosso pai, e a este pelo seu. Partiu-se num... confronto em que o teu pai se envolveu há muitos anos atrás, mas ele nunca descobriu um artesão suficientemente capaz e digno de confiança para o reparar. Fizeste bem, meu rapaz.

— Mesmo assim, — disse Ezio. — Toda essa conversa acerca de Assassinos e Templários parece saída de uma daquelas lendas antigas... trespassando a fantasia.

Mario sorriu. — Como algo saído de um velho pergaminho, coberto por uma escrita antiga, talvez?

— Tem conhecimento da página do códice?

Mario encolheu os ombros. — Tinhas-te esquecido? Estava junto com os demais papéis que me entregaste.

— Pode dizer-me o que é? — Ezio estava algo relutante em envolver o amigo Leonardo no assunto, a não ser que viesse a ser estritamente necessário.

— Bem, quem reparou a lâmina deve ter sido capaz de ler pelo menos uma parte, — disse Mario, mas levantou a mão quando Ezio ia abrir a boca. — Mas eu não vou fazer-te perguntas. Vejo bem que pretendes proteger alguém, e eu respeito isso. Mas a página tem mais que se lhe diga do que as instruções de funcionamento da tua arma. Hoje em dia as páginas do códice estão espalhadas por toda a Itália. Este constitui um guia para os trabalhos internos da Ordem dos Assassinos, para a sua origem, propósitos e técnicas. Constitui, se tu quiseres, o nosso Credo. O teu pai acreditava que o códice continha um segredo poderoso. Algo que mudaria o mundo. — Parou para pensar. — Talvez tenha sido por isso que vieram atrás dele.

Ezio sentiu-se assoberbado por toda aquela informação... era uma quantidade enorme para ser processada de uma vez só. — Assassinos, Templários, este estranho códice...

— Eu serei o teu guia, Ezio. Mas primeiro tens que aprender a abrir a tua mente, e lembra-te sempre disto: nada é verdade. Tudo é permitido.

Mario não lhe disse mais nada naquele momento, embora Ezio o tivesse pressionado. Em vez, disse, o tio continuou a fazê-lo passar pelo mais rigoroso processo de treino militar, e de manhã até à noite ficou confinado a exercitar-se com os jovens *condottieri* no campo de treino, caindo na cama a cada noite demasiado exausto para pensar em algo mais do que em dormir. Mas depois, um dia...

— Muito bem, sobrinho! — Disse-lhe o tio. — Acho que estás pronto.

Ezio ficou satisfeito. — Obrigado, Tio, por tudo o que me tem dado.

A resposta de Mario foi dar-lhe um abraço de urso. — És meu familiar! Esse é o meu dever e o meu desejo!

— Estou encantado que me tenha convencido a ficar.

— Mario olhou para ele com ternura. — Então... reconsideraste a tua decisão de partires?

Ezio respondeu ao olhar. — Lamento, Tio, mas já tomei minha decisão. Pela segurança de Mamma e Claudia... Mantenho a minha intenção de chegar à costa e de apanhar um navio para Espanha.

Mario não escondeu o desagrado. — Perdoa-me, sobrinho, mas eu não te ensinei as competências que agora adquiriste nem para minha diversão, nem para teu benefício exclusivo. Ensinei-tas para que estejas melhor preparado para atacar os nossos inimigos.

— E se eles me encontrarem, assim farei.

— Então, — disse Mario amargamente. — Queres ir-te embora? Queres deitar fora tudo pelo qual o teu pai lutou e morreu? Queres negar a tua própria herança? Pois bem! Não posso fingir que não estou desapontado... altamente desapontado. Mas assim seja. Orazio levar-te-á até ao convento

quando entenderes que o momento for oportuno para a tua mãe viajar e acompanhar-te-á na tua partida. Desejo-te *buona fortuna*.

Dito isto, Mario virou as costas ao sobrinho e afastou-se.

Passou mais um tempo, porque Ezio descobriu que tinha que conceder à mãe paz e sossego suficientes para abrir caminho para a recuperação dela. Quanto a ele, pela sua parte, fez os preparativos para a viagem com o coração pesado. Finalmente decidiu efetuar o que ele imaginou que seria a última visita à mãe e à irmã antes de as levar consigo, e encontrou-as melhor do que ousara esperar. Claudia tinha travado amizade com algumas das freiras mais novas, e para Ezio era claro, para sua surpresa e não tanto para seu agrado, que ela começava a sentir-se atraída por aquela vida. Entretanto a mãe recuperava de forma lenta, mas segura, e a abadessa, ouvindo o plano dele objetou, aconselhando-o de que ela ainda necessitava de descanso grandemente, e de que não devia ainda ser deslocada para outro sítio.

Por isso, quando regressou ao castelo de Mario, estava cheio de dúvidas, e apercebeu-se que essas mesmas dúvidas tinham crescido ao longo do tempo.

Durante esse período, tinham ocorrido uns preparativos militares em Monteriggioni, e agora pareciam estar a chegar a um clímax. A sua visão perturbou-o. O tio não estava onde pudesse ser encontrado, mas conseguiu dar com Orazio na sala dos mapas.

— O que é que se passa? — Perguntou. — Onde está o meu tio?

— Está a preparar-se para a batalha.

— O quê? Com quem?

— Oh, acho que ele lhe teria dito se pensasse que ficava. Mas todos nós sabemos que essa não é a sua intenção.

— Então...

— Escute, o seu velho amigo Vieri de Pazzi assentou arraias para os lados de San Gimignano. Triplicou a guarnição e fez saber que mal estivesse pronto, avançaria para arrasar Monteriggioni completamente. Por isso nós vamos lá primeiro, para esmagar a pequena serpente e dar uma lição aos Pazzi que não virão esquecer tão depressa.

Ezio inspirou fundo. Era claro que aquilo mudava tudo. Talvez fosse o destino, precisamente o estímulo que procurava inconscientemente. — Onde está o meu tio?

— Nos estábulos.

Ezio já estava a meio caminho para sair da sala.

— Hei! Para onde é que vai?

— Para os estábulos! Lá deve haver um cavalo para mim também!  
Orazio sorriu, ao vê-lo partir.